

Gabriela Machado Giberti

AUTONOMIA NA ADOLESCÊNCIA: FATORES SOCIAIS FACILITADORES DESSE
PROCESSO

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2012

Gabriela Machado Giberti

AUTONOMIA NA ADOLESCÊNCIA: FATORES SOCIAIS FACILITADORES DESSE
PROCESSO

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob
orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2012

“Devo ter ficado quase meia hora olhando fixo para ela, tomado de assombro, antes de surgir o terror no meu peito, tão repentino e assustador como uma batida de címbalos. Pulei da cama e corri para o espelho. (...) Sim, fui para cama como Henry Jekyll e acordei como Edward Hyde”

(STEVENSON, 2002).

*Dedico este trabalho ao meu adorado vovô Altino,
que me ensinou a magia do mundo das palavras.
Saúde eterna.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família por ter me dado todo o apoio e incentivo no processo de elaboração deste trabalho. Especialmente aos meus pais, Alice e Pedro, por sempre acreditarem no meu potencial, por me orientarem nos caminhos da vida, sendo meu porto-seguro e, ao mesmo tempo, proporcionando-me espaço para voar. Aos meus irmãos, Vitor, Pedro Paulo e Andrea, por me provocarem a vida toda, mas uma provocação que demonstrava cuidado e companheirismo. Ao meu sobrinho, Francisco, por ser a alegria da minha vida e fonte de energia quando esse trabalho parecia não ter fim. Amo vocês.

Agradeço ao meu orientador, Plínio de Almeida Maciel Jr., pela orientação serena, disponibilidade em ajudar e principalmente pelo acolhimento nos momentos de crise e desesperança.

À Fernanda Gouveia-Paulino e à Dinamar Gaspar Martins por terem me apresentado o universo da pesquisa acadêmica com tamanha dedicação e amor. Vocês são exemplos de competência e modelos do que eu quero atingir na vida no âmbito profissional e pessoal.

Aos meus amigos por terem compreendido a minha ausência com respeito e sem cobrança.

Por fim, agradeço os participantes desse estudo pela disposição em compartilhar um pouco do seu mundo comigo e aos familiares dos adolescentes por terem permitido esse intercâmbio de experiências.

Autora: Gabriela Machado Giberti

**AUTONOMIA NA ADOLESCÊNCIA: FATORES SOCIAIS FACILITADORES
DESSE PROCESSO**

2012

Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr.

RESUMO

A aquisição da autonomia é uma das principais tarefas desenvolvimentais do período da adolescência. O objetivo do presente trabalho foi compreender como o adolescente concebe o processo de aquisição de autonomia neste momento da vida, especialmente explorar quais considerações ele/a faz a respeito de ferramentas sociais potencialmente facilitadoras deste processo. Trata-se de um estudo qualitativo para o qual foram realizadas entrevistas semidirigidas com seis adolescentes de 16 e 17 anos de idade que estão cursando o Ensino Médio, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, nas quais foram abordados temas como a escolha da rotina durante os dias úteis e finais de semana, regras impostas pelos pais, relação com pares, relação com a família, perspectiva de futuro e experiências de total liberdade, a fim de compreender o exercício da autonomia. O procedimento de tratamento dos dados das entrevistas foi a análise de conteúdo qualitativa. O estudo contribuiu para reiterar a compreensão de que o processo de aquisição de autonomia é extremamente peculiar a cada indivíduo e sofre diversas influências dos contextos nos quais o adolescente se desenvolve. As singularidades aparecem principalmente no que tange às tomadas de decisões e aos modos de se relacionarem com os pais. O uso da internet, bem como a instituição escolar, revelaram-se importantes para os entrevistados, no sentido de lhes permitirem ir além da transmissão de informações: configuram-se como espaços de formação de opinião e valores, de sociabilização e, conseqüentemente, de exercício da autonomia para os adolescentes. Ainda, outro achado importante foi que, para os adolescentes, situações nas quais se encontram sozinhos ou apenas com seus pares, sem a supervisão direta de um adulto, são aquelas que fomentam o desenvolvimento da autonomia. Evidenciou-se a importância dos pais oferecerem espaço para o adolescente exercer sua autonomia, indicando que eles não são excluídos desse processo pelos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: *Adolescência, Autonomia Pessoal, Desenvolvimento*

SUMÁRIO

Página

Introdução	1
Capítulo I. A adolescência	3
Capítulo II. A autonomia	10
Método	18
Análise e Discussão	21
Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37
Anexos	40
A. Roteiro de Entrevista	40
B. Protocolo de Aprovação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	42
C. Resumo das Entrevistas	43
D. Tabela 1 – Organização das categorias de análises dos dados de entrevistas	57

INTRODUÇÃO

Minha experiência como monitora de um acampamento no qual tenho contato frequente com crianças de 6 anos até adolescentes de 16 anos fomentou um interesse pela parcela mais velha dessa população.

Os adolescentes vivem um mundo próprio, com uma intensidade contagiante e com atitudes muito diferentes a depender do contexto e da companhia envolvidos.

Assim, no momento da escolha do tema de investigação para formulação deste trabalho de conclusão de curso, optei por um assunto relacionado ao desenvolvimento adolescente.

A adolescência é um processo do desenvolvimento humano, um período de transição entre a infância e a idade adulta, que envolve mudanças físicas, psicológicas e sociais. É importante destacar que as alterações implicadas principalmente nas relações do cenário familiar, muitas vezes, são desencadeadoras de conflitos nesse contexto.

O primeiro passo para delimitação do problema de investigação foi realizar um levantamento bibliográfico que favorecesse a delimitação do foco de pesquisa a partir do tema mais amplo do universo adolescente.

O trabalho de revisão bibliográfica evidenciou uma diversidade de estudos, notadamente sobre os temas da gravidez e da relação/do uso de drogas na adolescência, o que apontou para a necessidade de investigação de outras temáticas envolvendo esta fase do desenvolvimento. A leitura dos artigos inicialmente levantados permitiu a identificação de um tema sobre o qual a literatura apresenta divergências importantes: a compreensão da aquisição da autonomia na adolescência.

Tida como uma das principais tarefas desenvolvimentistas da adolescência, a aquisição da autonomia é um processo dinâmico que sofre influência dos diversos contextos nos quais o indivíduo se desenvolve, que inclui desde amigos e família, até a religião e a cultura.

Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi compreender como o adolescente concebe o processo de aquisição de autonomia neste momento da vida, especialmente que considerações ele/a faz a respeito de algumas ferramentas sociais potencialmente facilitadoras deste processo como, por exemplo, as redes sociais virtuais, as viagens e as experiências em acampamentos, entre outras.

Buscou-se a compreensão do que os adolescentes de hoje entendem por autonomia, a importância e as implicações da mesma em suas vidas, além dos fatores que identificam como promovendo ou impedindo o desenvolvimento dessa autonomia.

A relevância da investigação realizada é que o entendimento mais aprofundado sobre a visão que os adolescentes têm de autonomia e sobre os meios pelos quais eles procuram conquistá-la, contribui para o trabalho de profissionais que buscam auxiliar tanto os adolescentes como suas famílias a atravessarem de maneira mais adaptada e menos conflituosa este período crítico da vida.

Inicialmente, no capítulo 1, serão apresentadas considerações sobre o processo de desenvolvimento adolescente, destacando-se as principais mudanças em relação à infância e as exigências que se depositam sobre os jovens neste período da vida, tanto as que eles próprios manifestam, quanto aquelas advindas das outras pessoas que fazem parte da sua rede social pessoal ou do contexto social mais amplo.

No capítulo 2, será apresentada a discussão resultante do trabalho de revisão de literatura sobre a autonomia na adolescência, tema que faz parte do foco da investigação realizada.

No capítulo do método serão descritos o instrumento e o procedimento da investigação, bem como a caracterização dos participantes, considerações éticas da pesquisa e esclarecimentos sobre o tratamento e análise dos dados.

Em seguida, serão apresentadas a discussão e análise das entrevistas por intermédio do diálogo com as considerações apresentadas nos capítulos 1 e 2 sobre o desenvolvimento adolescente e a aquisição da autonomia nesta fase.

Como conclusão, serão apresentadas as considerações finais elaboradas pela autora.

CAPÍTULO I

A ADOLESCÊNCIA

Neste trabalho a adolescência será entendida como um processo de desenvolvimento humano. Vale esclarecer que o termo *desenvolvimento* abrange o crescimento, a maturação e a aprendizagem, embora também inclua a deterioração (como na morte), e faz referência às mudanças na natureza e organização da estrutura e das condutas de um indivíduo (PEREIRA, 2005; SANTROCK, 2003).

*“O desenvolvimento é essencialmente um **processo** descontínuo, que segue uma direção orientada para a maturidade. É também um processo de transição, de interação entre organismo e o ambiente, portanto, modificável pela experiência.”*
(PEREIRA, *op.cit.*, p. 5)

A palavra *adolescência* deriva do substantivo latino *adollacentia* que significa “crescer” ou “crescer em direção à maturidade”.

A Organização Mundial da Saúde considera a adolescência um período da vida que compreende a faixa etária entre os 10 e 19 anos (WHO,1999). No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), é considerado adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos. SANTROCK, (*op.cit.*) aponta que a adolescência tem início entre os 10 a 13 anos de idade e termina entre os 18 e 22 anos de idade:

*“Os desenvolvimentistas, cada vez mais, descrevem a adolescência em termos de período inicial e posterior. A **adolescência inicial** corresponde aproximadamente ao período situado entre a 5ª série e 8ª série do ensino fundamental. Inclui a maior parte das mudanças da puberdade. A **adolescência posterior** refere-se aproximadamente à última metade da segunda década de vida. Interesses por carreira, namoro e exploração da identidade são mais acentuados na adolescência posterior do que na adolescência inicial.”* (SANTROCK, *op.cit.*, p. 11)

Entretanto, ressalta-se a importância de não se ater a uma faixa etária fixa, principalmente devido às diferentes circunstâncias culturais e históricas, e de considerar a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano que inclui processos biológicos, cognitivos e socioemocionais (SANTROCK, 2003). Trata-se de um período do desenvolvimento em que emerge uma crise psicológica, uma vez que as estruturas de adaptação e de defesa deixam de ser adequadas à assimilação de novas exigências que podem provir tanto da interioridade quanto da exterioridade (PEREIRA, 2005). Segundo ERIKSON (1968), a palavra “crise”, nesse contexto, não tem uma conotação de catástrofe iminente e sim designa um momento crucial do desenvolvimento de escolha de rumo e, para isso, há mobilização de recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação. FADIMAN & FRAGNER (2004) afirmam que Erikson entende crise como um ponto de mutação, um momento crítico, sendo que as crises são épocas especiais na vida do indivíduo, épocas de decisão entre progresso e regressão, integração e postergação. Elas permitem a realização de novas habilidades e atitudes.

Assim, a psicologia do desenvolvimento considera a adolescência como um *constructo* teórico referente a um processo marcado por mudanças psicológicas derivadas da transição entre a infância e a vida adulta (GALLATIN, 1978; PEREIRA, *op.cit.*; SANTROCK, *op.cit.*). GALLATIN (*op.cit.*) cita:

“Os adolescentes agem mais como adultos (por exemplo, seu modo de raciocinar, autocontrole e independência), parecem-se mais com adultos do que com crianças (por exemplo, são maiores que as crianças e visivelmente mais próximos da maturidade sexual), porém, em alguns aspectos, não são adultos (por exemplo, supostamente são mais impulsivos que os adultos, menos consistentes e menos “assentados”). (p. 105)

PEREIRA (*op.cit.*) aponta que as principais mudanças psicológicas da adolescência estão relacionadas à necessidade de se estabelecer um padrão de comportamento e uma personalidade própria que ainda não se configuraram totalmente. Ainda, tais mudanças são associadas com as responsabilidades que o adolescente deve assumir progressivamente e com a desconstrução da imagem ideal que ele fazia previamente dos pais. ABERASTURY & KNOBEL (1981) assinalam que isso só é possível quando há a elaboração do luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais na infância.

Na adolescência há um aumento na produção de hormônios que comandam o crescimento e as mudanças físicas da puberdade. PEREIRA (2005) aponta que essas mudanças hormonais se refletem em dois conjuntos de mudanças físicas: o desenvolvimento de estatura e peso, que transformam a criança em adulto; e as transformações sexuais, que fazem do adolescente um homem ou uma mulher capaz de se reproduzir. É importante ressaltar que não necessariamente a maturidade emocional acompanha a maturidade física.

Tais mudanças físicas da adolescência implicam em transformações nas relações, já que há alteração na autoimagem do adolescente, que passa a se preocupar fortemente com o corpo e, também, na forma como os outros enxergam esse adolescente, que passa de um corpo infantil para um corpo adulto. Nesse contexto, PEREIRA (*op.cit.*) esclarece:

*“Mudanças psicológicas fazem com que o desenvolvimento físico adquira nesse período uma importância especial, uma vez que produzem muitas transformações num breve período de tempo, principalmente as que se referem à sexualidade. Tais transformações acentuam, de forma quase definitiva, a diferenciação sexual biológica. Isso implica a necessidade dos jovens assumirem um papel social diferente e saberem se comportar como pessoas mais maduras. A mudança é relativamente brusca e, como todas as transformações rápidas, tem como consequência a necessidade de uma adaptação.” (PEREIRA, *op.cit.*, p. 8)*

Assim, outro processo importante controlado biologicamente que se inicia na adolescência e que tem continuidade na vida adulta é o de formação de uma identidade sexual que, por sua vez, consiste basicamente no indivíduo se ver como um ser sexual, adaptar-se às excitações sexuais e formar novas ligações afetivas com os pares. Essa consciência da sexualidade é um aspecto essencial na formação da identidade, uma vez que afeta o autoconceito e os relacionamentos do adolescente (PEREIRA, *op.cit.*).

PEREIRA (*op.cit.*) aponta que, em relação à cognição, na adolescência há uma mudança qualitativa que consiste na distinção entre o real e o possível através do desenvolvimento do pensamento operatório formal que, por sua vez, é essencialmente hipotético-dedutivo. Ao contrário da criança que se encontra no período operacional concreto, em que há a necessidade do objeto concreto ser manipulado para que se raciocine sobre o mesmo, o adolescente, perante uma situação-problema, tem a capacidade de examinar, hipotetizar, imaginar e avaliar as diferentes relações possíveis e, a

partir de experimentações e análise lógica, verificar quais das relações possíveis são realmente verdadeiras. Aqui o adolescente passa, também, a deduzir consequências necessárias. Assim, o adolescente passa a ter um pensamento mais flexível, o que possibilita ao mesmo pensar sobre questões morais e, também, permite que o seu próprio pensamento seja objeto de pensamento, proporcionando reflexões a respeito de si mesmo.

Vale refletir que essa mudança na cognição permite ao adolescente pensar sobre o futuro, explorar opções e possibilidades, além de imaginar-se em diferentes papéis e tomar decisões como, por exemplo, sobre sua carreira e amigos. O adolescente consegue imaginar consequências futuras de ações que podem ser empregadas no agora, possibilitando um planejamento a longo prazo e uma maior responsabilização sobre suas ações.

Ainda, algo que PEREIRA (2005) destaca é o egocentrismo adolescente. Embora ele desenvolva a capacidade de conhecer e conceituar o pensamento de outras pessoas, não consegue diferenciar os objetos para quais são dirigidos esses pensamentos dos objetos que são focos de sua própria preocupação. Portanto, o egocentrismo adolescente caracteriza-se, por exemplo, pela forte crença de que outras pessoas estão preocupadas com a aparência e o comportamento dele (adolescente).

CARTER & MC GOLDRICK (1995) entendem a adolescência como um período de confusão e necessidade de rupturas e mudanças. Reforçam que, para formar sua própria identidade, o jovem faz um processo de seleção e abandona ensinamentos, desejos e valores que lhe foram transmitidos e que não lhe agradam, mas também toma para si aquilo que lhe convém e que deseja manter.

Portanto, a adolescência também se configura como um período de dificuldades em que conflitos familiares são inevitáveis e previsíveis, especialmente durante os primeiros anos da adolescência. Isso porque o adolescente expande seu horizonte mental, passa a questionar e, diversas vezes, a se rebelar contra os valores paternos. Os jovens percebem que os valores e a forma de vida de sua família não são os únicos e notam que há lugar para valores, crenças e formas diferentes de se fazer as coisas. Ainda, são capazes de emitir julgamentos e entender que a maneira de ser de outros pais pode ser melhor que a de seus próprios. (PEREIRA, 2005). Nesse sentido, PEREIRA (*op.cit.*) ressalta que:

“Os adolescentes buscam ativamente a sua autonomia, a independência e um senso de controle de suas próprias vidas, defendendo tudo aquilo que lhes pertence,

incluindo sua maneira de pensar. É uma época de definição da personalidade, na qual o modelo de perfeição dos pais é desconstruído. Nesse processo o idealismo infantil dirigido aos pais vai se diluindo e estes deixam de ser pessoas perfeitas para serem aceitos como seres humanos com defeitos e qualidades". (p. 95)

REICHERT & WAGNER (2007a) apontam a adolescência como um período em que é necessário introduzir mudanças na vida familiar, o que supõe acordos entre os pais e os filhos. Essas mudanças são relacionadas à autoridade, disciplina, estilo de vida, estilo de educação, de comunicação e de adaptação. Adaptação aqui entendida no sentido do adolescente saber se localizar, enfrentar os novos desafios e demandas do período e, sob a perspectiva dos pais, permitir que os jovens assumam seus novos papéis e sua autonomia (Rios Gonzáles, 2005 *apud* REICHERT & WAGNER, *op.cit.*). Espera-se, portanto, que os pais respeitem a individualidade de seus filhos para que estes consigam expressar sua afetividade equilibrando a liberdade e, desta forma, fomentando a autonomia.

Segundo PEREIRA (*op. cit.*), à medida que o adolescente vai atingindo a maturidade emocional, social e sexual, ele forma novos vínculos afetivos para além daqueles estabelecidos no início da vida com os pais: colegas, amigos e namorados(as) passam a fazer parte desta rede de novas vinculações. Esses companheiros ou pares desempenham papel fundamental no desenvolvimento psicológico e social da maioria dos adolescentes, pois tais relações servem como protótipos dos relacionamentos adultos posteriores. Vale ressaltar que as relações da infância também influenciam as relações adultas posteriores, mas na adolescência a diversidade e intensidade de experimentação de relações é mais ampla, uma vez que inclui a maturação sexual. Além disso, o grupo de companheiros auxilia na definição da identidade, já que é possível compartilhar e aprender a lidar com emoções, dúvidas, sonhos, além de proporcionar um sentimento de pertença (de não estar sozinho) através da adequação aos padrões, comportamentos, manias e modismos do grupo.

AZNAR-FARIA, SILVARES & SCHOEN-FERREIRA (2003) indicam que, de acordo com a teoria psicossocial de Erik Erikson, a construção da identidade pessoal é a tarefa mais importante da adolescência, é o ponto fundamental da transformação do adolescente em adulto. A construção de uma identidade se traduz na definição de quem a pessoa é e nos valores, crenças e metas de vida com os quais ela está comprometida:

*“O indivíduo que está com a **identidade realizada** é aquele que passou por um período de crise, explorou várias possibilidades e estabeleceu compromissos ocupacionais, ideológicos e sexuais. O indivíduo que ainda permanece na **moratória** está passando pela crise, seus compromissos ainda são vagos, mas ele parece estar lutando para resolvê-los, embora ainda esteja envolvido com questões adolescentes, tentando negociar os desejos parentais, as exigências sociais e as capacidades pessoais”. (PEREIRA, 2005, p. 92)*

Erik Erikson aponta que só é possível definir identidade se esse conceito for abordado sob um ponto de vista mais amplo, envolvendo aspectos psicológicos e sociais:

1. Individualidade – consciente senso de identidade individual – um sentimento consciente de nossa singularidade e existência como uma entidade separada e distinta.

2. Uniformidade e continuidade – empenho inconsciente por uma continuidade do caráter pessoal – sentimento de uniformidade interior, uma continuidade entre o que fomos no passado e o que prometemos ser no futuro, um sentimento de que nossa vida tem consistência e direção significativa.

3. Inteireza e síntese – critério para as ações silenciosas da síntese do ego – um sentimento de harmonia e inteireza interiores, uma síntese de autoimagens e identificações de infância em um todo significativo que produz uma sensação de harmonia.

4. Solidariedade social – manutenção de uma solidariedade interior pelos ideais e identidade/valores de uma sociedade ou se um subgrupo dentro dela. Um sentimento que nossa identidade é significativa para outras pessoas importantes e corresponde a suas expectativas e percepções. (FADIMAN & FRAGNER, 2004, p.208)

GALLATIN (1978) expõe a adolescência como um período tipicamente romântico, cheio de conflitos e inquietações, da procura de si próprio. PEREIRA (2005) reforça a descoberta de si mesmo como tema central na adolescência, já que os jovens devem aprender a conhecer um corpo novo, lidar

com seus potenciais de emoções e comportamentos, ajustando-os à sua autoimagem, além de buscar o lugar que ocuparão na sociedade adulta, o que implica em uma progressiva autopercepção e uma consciência de si próprios.

É na crise da adolescência que, pela primeira vez, o adolescente vai formular regras que relacionem sua própria imagem a imagem da vida ao seu redor, ou seja, vai definir as relações entre o sentido individual de si mesmo e o sentido do mundo social no qual está inserido, sendo que essa formulação de normas é que cria o sentimento de individualidade do adolescente (PEREIRA, *op. cit.*). O mesmo autor afirma:

“O jovem se comporta agora a seu modo, pode finalmente dedicar-se às atividades que na infância eram incumbência da autoridade parental, pode ditar regras de ética, normas de conduta que acredita serem apropriadas. Possui as faculdades sexuais e intelectuais para fazê-lo e apenas uma coisa lhe falta: a experiência para utilizá-las. Intolerante com as velhas restrições parentais, impaciente por compreender e ver por si mesmo, é como um pintor com um enorme sortimento de tintas e pincéis, mas sem uma tela na qual possa pintar. Não tem uma ideia preciso do emprego que pode dar às próprias potencialidades, aos materiais de vida que ele mesmo possui.” (p. 9)

Apesar de a literatura apontar que é na adolescência que se constrói a identidade, o processo de construção de identidade não é exclusivo da adolescência e continua ao longo da vida adulta. (AZNAR-FARIA, SILVARES & SCHOEN-FERREIRA, 2003; FADIMAN & FRAGNER, *op.cit.*)

De qualquer maneira, na adolescência, assim como em qualquer momento do ciclo vital, é fundamental considerar o contexto do sujeito a fim de entender seu processo desenvolvimental. BRONFENBRENNER (1996) expõe que os ambientes mais próximos da pessoa, como a escola, os amigos e a família, exercem um papel importante no desenvolvimento do indivíduo e, dentre outros, na aquisição da autonomia.

Finalmente, PEREIRA (2005) indica que os adolescentes apresentam uma multiplicidade de identificações, sendo que flutuam entre uma dependência e uma independência extremas que diversas vezes parecem contraditórias às pessoas com as quais convivem. Essas identificações também merecem ser consideradas na busca de compreender o contexto adolescente.

CAPÍTULO II

A AUTONOMIA

Através da revisão bibliográfica ficou clara a dificuldade de se compreender o conceito de autonomia.

Para REICHERT & WAGNER (2007a), a autonomia é um processo dinâmico que sofre influências de variáveis internas como autoestima, percepção do ambiente, relações com autoridades e desejo de independência, além da influência de variáveis externas como a estrutura familiar e o contexto mais amplo no qual o indivíduo se desenvolve. Para os autores, autonomia é:

“A capacidade do sujeito decidir e agir por si mesmo, com o pressuposto de que o desenvolvimento e a aquisição desta habilidade sofrem a influência do contexto em que o jovem se desenvolve.” (p. 408)

Semanticamente, a palavra “autonomia” vem do grego, formada pelo adjetivo *autos* que significa “o mesmo”, “ele mesmo” e “por si mesmo”, e pela palavra *nomos* que significa “compartilhamento”, “lei do compartilhar”, “instituição”, “uso”, “lei”, “convenção”. Portanto, autonomia significa a competência humana em “dar-se suas próprias leis” (SEGRE, SILVA & SCHRANM, 2005).

Filosoficamente, autonomia reflete a condição de uma pessoa ser capaz de determinar à qual lei se submeter (REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

No enfoque da bioética, SEGRE, SILVA & SCHRANM (*op.cit.*) consideram autonomia uma propriedade constitutiva do humano, uma vez que o indivíduo escolhe suas normas e valores, faz projetos, toma decisões e age a partir dessas escolhas.

Já no senso comum, a autonomia pode ser definida como uma condição de ser independente (SPEAR & KULBOK, 2004).

STEINBERG & SILVERBERG (1986) e FLEMING (2005a) definem a autonomia como a habilidade para pensar, sentir, tomar decisões e agir por conta própria, inclusive expressar opiniões

próprias no âmbito moral que transcendem as ideias alheias. Nesse sentido, o desenvolvimento da independência é um componente crucial para a aquisição da autonomia.

Entretanto, autonomia e independência não podem ser consideradas como sinônimos. Independência refere-se à capacidade dos jovens agirem por conta própria; uma alta independência é realmente necessária para atingir a autonomia. Contudo, a autonomia não se resume a ter comportamentos independentes, já que envolve pensamentos, sentimentos e tomadas de decisões que dizem respeito não só ao próprio indivíduo, mas também às relações que ele estabelece (REICHERT & WAGNER, 2007a).

Para PEREIRA (2005),

“A verdadeira independência, no entanto, não se constrói num único dia. Durante a adolescência, a dependência continua a existir, quase sempre numa relação assimétrica, difícil e frágil com a necessidade de independência. O adolescente necessita de uma base de segurança e estabilidade no lar e nos pais, enquanto se dedica a interesses mais prementes. Ele necessita da casa dos pais como um “cantinho quente” para onde voltar quando surgirem problemas no mundo externo.” (p. 97)

PEREIRA (*op. cit.*) discorre sobre o conflito que o adolescente vive na relação entre a necessidade de autonomia e a dependência. De um lado, o adolescente sabe que, mais cedo ou mais tarde, terá que se tornar independente e autônomo a fim de definir seus próprios rumos e ser responsável pelas próprias ações, sendo essa perspectiva de liberdade muitas vezes sedutora. Por outro lado, a perspectiva de assumir responsabilidades pode se configurar, também, como assustadora, tornando atrativa a segurança da dependência infantil e dos pais como porto seguro de resolução de qualquer problema. Nesse contexto, o autor afirma que esse conflito pode acarretar em oscilações súbitas e imprevisíveis de comportamentos, ou seja, o adolescente em uma determinada situação pode ser maduro, independente e responsável e, em outro momento, extremamente infantil e dependente de terceiros.

No estudo de FLEMING (2005a), a maioria dos adolescentes, tanto os do início da adolescência (12-13 anos) quanto os adolescentes tardios (18-19 anos), expressa o desejo em alcançar os onze comportamentos de autonomia explorados na pesquisa. Porém, a frequência de realização real desses itens ficou desfasada em relação à frequência do desejo deles. Em geral, apenas metade dos

adolescentes tinha atingido os comportamentos que eles relataram desejar, sendo que, no geral, os mais velhos indicaram uma realização mais efetiva dessa autonomia do que os mais novos. Essa diferença foi maior ainda nos adolescentes do sexo masculino.

Ainda, FLEMING (2005b) indica que as principais diferenças entre adolescentes do sexo masculino e feminino foram encontradas principalmente aos 16 anos de idade, idade na qual os meninos demonstraram um aumento da realização da autonomia, enquanto as meninas mostraram pouco progresso. Em outras palavras, a autonomia é mais frequentemente desejada do que de fato exercida, principalmente pelas meninas.

O conceito de autonomia proposto por SPEAR & KULBOK (2004) indica que esta é um processo ativo, um fenômeno orientado pelos pais que ocorre de forma gradual, iniciando-se nos primórdios da existência e estendendo-se ao longo do desenvolvimento do indivíduo. O desafio desse processo envolve o desejo de ser independente e, ao mesmo tempo, o de preservar a ligação com a família e a sociedade.

Os autores relatam que, no passado, a autonomia era vista como a consumação de um desejo desenvolvimentista que focava a separação e o afastamento da família. Hoje, a ênfase tem se deslocado para a meta de se manter o vínculo junto com a realização de algum nível de independência.

NOOM, DEKOVIC & MEEUS (1999) definem a autonomia como a habilidade de dirigir a própria vida, definir metas, sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações. Os autores identificaram o aparecimento de três níveis de habilidades de autonomia que se expressam de acordo com o contexto no qual o indivíduo se desenvolve. O primeiro nível é a autonomia atitudinal ou cognitiva, que se refere à percepção de metas pelo exame das oportunidades e desejos, considerando os processos cognitivos para criar as possibilidades de fazer suas próprias escolhas. A autonomia funcional ou condutual, por sua vez, refere-se à percepção de estratégias pelo exame do auto-respeito e controle, capacidade de tomar decisões e tratar os próprios assuntos. Em outras palavras, consiste no processo regulador de desenvolvimento de estratégias para alcançar as próprias metas. Por fim, a autonomia emocional refere-se aos processos de independência emocional em relação aos pais e aos pares, e ocorre quando o jovem sente confiança em definir suas metas, independentemente dos desejos dos outros.

Sob uma perspectiva desenvolvimentista, a autonomia é conceituada de diferentes formas, mas sempre se relaciona com o domínio psicossocial (REICHERT & WAGNER, 2007a).

REICHERT & WAGNER (*op.cit.*) concluem:

“Autônomo é o indivíduo que tem iniciativa, que consegue identificar seus desejos, sabe como fazer para colocá-los em prática e toma para si a responsabilidade de seus atos. Autônomo é o indivíduo que reconhece suas potencialidades e suas fragilidades. Consegue expor suas emoções, pois está seguro de suas atitudes, tem confiança em si e nos outros, podendo mostrar-se sem se desvalorizar ou diminuir; tem confiança em si, em seu entorno.” (p.414)

Assim, o sucesso ou insucesso dessa tarefa desenvolvimental que é a aquisição da autonomia está relacionada com a percepção que o jovem possui do mundo que o rodeia. Se o mesmo percebe o mundo de forma negativa, ele terá dificuldade para definir metas, encontrar formas de atingi-las e tomar decisões para alcançá-las (REICHERT & WAGNER, *op. cit.*).

Fica clara, então, a importância de, ao tentar definir a autonomia, considerar o contexto no qual o jovem se desenvolve. Cada jovem, ao ingressar na adolescência, terá influências que contribuirão ou não para o seu desenvolvimento. Assim, apesar de a conquista da autonomia ser um processo particular e ser construída pelo sujeito, ressalta-se a necessidade de um favorecimento do contexto social para que esta seja efetiva (REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

Elucidando a interdependência dos contextos no qual o indivíduo se desenvolve, Morin *et. al.* [(1996), *apud* REICHERT & WAGNER (*op.cit.*)] escrevem que o sujeito é autor e ator de sua história e das diferentes histórias sociais, e são múltiplas as influências dos sistemas dos quais ele participa. Neste contexto, para conhecer o potencial autônomo do sujeito, é fundamental compreender que tipo de relações o jovem estabelece na sua vida social.

ROCHA (2002) reforça tal ideia de que para compreender o adolescente é necessária uma compreensão da heterogeneidade de situações e experiências pelas quais esse adolescente passa. Aponta, ainda, o papel da família enquanto rede de proteção na abertura de espaço para o outro, uma vez que a diversificação de laços e referências possibilita ao adolescente construir sua autonomia. Isso porque ao criar oposições e conflitos, aos poucos o adolescente diferencia-se e torna-se sujeito.

Nesse cenário, REICHERT & WAGNER (2007a) indicam o contexto familiar como um importante mediador entre a autonomia e o nível de desenvolvimento adolescente.

O estudo de FLEMING (2005a) relacionou que os itens que envolviam conflitos entre pais e filhos foram os que apresentaram, na percepção dos adolescentes, maiores níveis em relação à conquista da autonomia, ou seja, os itens de autonomia mais valorizados pelos adolescentes foram

aqueles relacionados ao desencadeamento de conflitos com os pais. Isso indica um papel positivo das ações de confrontação com os pais na aquisição da autonomia. O grupo dos adolescentes mais velhos, principalmente do sexo masculino, apresentou maior percentual no que se refere às ações de conflito com os pais que os adolescentes mais jovens, sendo que a desobediência de conselhos parentais em relação a ter uma namorada/o foi relatada por praticamente todos os jovens entre 18-19 anos de idade.

O desenvolvimento da autonomia também se relaciona com a formação da identidade.

Assumir autonomia em relação aos pais e adquirir capacidade para decidir e agir por conta própria pode ser considerada uma das principais tarefas durante o período da adolescência (OLIVA & PARRA, 2001 e NOOM, DEKOVIC & MEEUS, 2001; SPEAR & KULBOK, 2004; FLEMING, *op.cit.*). No estudo de FLEMING (*op.cit.*), a separação da família foi considerada como elemento importante na percepção do adolescente sobre a formação da autonomia.

Assim, o desenvolvimento da autonomia envolve transformações nas relações familiares com o intuito de preparar o adolescente para o ingresso na vida adulta. Neste sentido, tanto os pais como os filhos desempenham um papel complementar na relação que estabelecem, em que os filhos devem ser concebidos como sujeitos ativos na relação. Embora a criança seja educável e receptiva às orientações de seus pais, ela deve ser estimulada para conquistar sua liberdade pessoal, sua autonomia, cabendo aos pais elaborar significados reais para esta criança (REICHERT & WAGNER, 2007a.).

REICHERT & WAGNER (2007b) realizaram um estudo que mostrou que, segundo a percepção dos adolescentes, não existe diferença significativa entre os estilos disciplinares adotados por ambos os pais, ou seja, os filhos percebem ambos como possuidores de estilos educativos semelhantes. Na avaliação dos estilos parentais, a maioria dos jovens entrevistados percebe seus progenitores como negligentes, isto é, pouco envolvidos com eles, sem a preocupação de estabelecer algum tipo de controle sobre seus comportamentos. Porém, referem que, quando a mãe se mostra controladora, sem disponibilizar afeto, os jovens demonstram mais dificuldade em encontrar formas para realizar suas metas. Portanto, a pesquisa conclui que o estilo materno autoritário tende a inibir o desenvolvimento da autonomia funcional. Da mesma forma, os jovens percebem a mãe como sendo mais exigente, responsiva e intrusiva do que o pai. Ainda, os adolescentes percebem a mãe como a figura mais presente no processo de educação.

SANTROCK (2003) também discute a relação entre estilos parentais/familiares de educação e autonomia na adolescência. Ela afirma que:

“Em termos psicológicos, as famílias saudáveis ajustam-se à pressão dos adolescentes por independência, tratando os adolescentes de maneira mais adulta e incluindo-os mais na tomada de decisões da família. Em termos psicológicos, as famílias não-saudáveis muitas vezes permanecem imobilizadas no controle parental orientado para o poder, e os pais assumem uma postura ainda mais autoritária nos relacionamentos com seus adolescentes.” (p.110)

REICHERT & WAGNER (*op.cit.*) indicam que alterações ocorridas na contemporaneidade, como a maleabilidade do exercício de papéis masculinos e femininos, somadas às exigências que surgiram nas últimas décadas em termos de segurança, conforto, estabilidade, têm modificado as relações familiares. Apesar disso, a família continua sendo a instituição favorecedora da formação da pessoa, com a função de proteção, apoio e afeto.

Estas mudanças promovem ganhos no que se refere à educação dos filhos, como, por exemplo, o acesso à informação, o que coloca a necessidade dos pais estarem disponíveis às necessidades de seus filhos, embora muitas vezes passem menos tempo juntos. A amplificação dos recursos tecnológicos e o conhecimento das demandas desenvolvimentistas abriram caminho para uma maior possibilidade de comunicação e envolvimento entre pais e filhos. Contudo, essas possibilidades não garantem a qualidade das relações que se estabelecem (REICHERT & WAGNER, 2007a).

Em adição, PEREIRA (2005) afirma que na sociedade contemporânea, devido às mudanças tecnológicas, sociais, morais e políticas, são muitas as dificuldades quanto ao que se deve esperar dos adolescentes e como persuadi-los a satisfazer essas expectativas. Isso porque nunca houve uma quantidade tão grande de informação em circulação. Fato que indica que os jovens de hoje cresceram em um mundo nitidamente diferente do mundo em que seus pais cresceram.

Segundo REICHERT & WAGNER (*op.cit.*), muitas vezes os pais sobrecarregam os filhos com atividades que nem sempre são do interesse dos mesmos. Além disso, com o objetivo de protegerem o filho do mundo competitivo e hostil, é comum os pais impedirem o filho de resolver as próprias dificuldades, o que posterga o desenvolvimento de sua autonomia e prejudica o estabelecimento de relações maduras, pois, diante de dificuldades, os jovens recorrem aos progenitores e não aos recursos que deveriam ter desenvolvido. Nesse contexto, o uso inadequado e abusivo do celular ou internet, por exemplo, reforça tal comportamento dependente, no sentido do adolescente não desenvolver e nem fazer uso de suas próprias habilidades para solucionar problemas, uma vez que encontram respostas prontas nessas redes tecnológicas.

Há que se ressaltar que a internet tem conquistado cada vez mais espaço na vida dos adolescentes, influenciando o modo como percebem o mundo formando conceitos, uma vez que é um instrumento de acesso às informações e de estabelecimento de relações. Em outras palavras, interação virtual é significativa, permitindo novos referenciais acerca da identidade do adolescente, além de ser um agente de socialização entre os jovens. Para os adolescentes, o contato com a internet estimula a liberdade para expressar as suas convicções e preferências (BASMAGE, 2010).

Como consequência desse modo de agir dos pais contemporâneos, REICHERT & WAGNER (2007a) ressaltam que os jovens atualmente levam mais tempo para sair de casa, para começar a trabalhar e para constituir uma família. Ainda, quando entram no mercado de trabalho possuem dificuldades em lidar com exigências, têm dificuldades em lidar com hierarquia, com responsabilidades, sentindo-se injustiçados e incompreendidos, além de se frustrarem facilmente.

Retomando que o sucesso da aquisição da autonomia está relacionado à percepção que o jovem possui do mundo que o rodeia, REICHERT & WAGNER (*op.cit.*) discutem que em uma sociedade na qual os pais têm-se mostrado inseguros quanto às suas estratégias educativas, na qual os jovens percebem seus progenitores como pouco exigentes e em que a comunicação familiar está cada vez mais superficial, é provável que o jovem tenha dificuldade em tomar decisões a respeito de sua vida. Em contrapartida, quando a sociedade se mostra receptiva aos desejos e necessidades dos jovens, ambos os pais utilizam estratégias educativas semelhantes, disponibilizando afeto com controle. Quando o jovem possui um autoconceito mais positivo e mostra-se satisfeito consigo mesmo, é provável que ele consiga maiores níveis de desenvolvimento de sua autonomia em direção ao ingresso na vida adulta.

Embora ao longo da vida de seus filhos os pais sejam os favorecedores da promoção do desenvolvimento humano, é inegável a força que outras instâncias como os pares e as instituições educacionais desempenham na fase da adolescência (REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

O estudo de ALLEN *et. al.* (2012) buscou compreender o engajamento de alunos adolescentes na sala de aula. Os pesquisadores concluíram que aqueles estudantes que nas primeiras semanas viram suas salas de aula como espaço que permitia e incentivava a autonomia própria aumentaram sua participação durante todo o curso. Portanto, os resultados do estudo sugerem que o envolvimento dos alunos e a autonomia na sala de aula estão relacionados. Esta conclusão corrobora a literatura que sugere que os adolescentes são mais propensos a ter sucesso ao se envolver em ambientes que permitam a autonomia (ALLEN *et. al.* 1994). Adolescentes buscam ambientes extradomiciliares que lhes permitam florescer e crescer. Na medida em que os adolescentes sentem que têm algum controle

sobre a situação na qual estão envolvidos, eles se sentem mais interessados e atraídos no que estão aprendendo. Em outras palavras, os adolescentes se mostram mais sintonizados se o ambiente atende suas necessidades de autonomia. BASMAGE (2010) indica a necessidade das escolas se articularem e atentarem a novos elementos tecnológicos presentes na dimensão adolescente.

É importante ressaltar que a maneira como as famílias propiciam e/ou impedem o desenvolvimento da autonomia relaciona-se com a realidade social, política, econômica e cultural mais ampla (REICHERT & WAGNER, 2007a). Nota-se, aqui, um contexto dinâmico, um movimento dialético, em que o indivíduo, e não só o contexto no qual ele se desenvolve, também tem o papel de promover mudanças.

Segundo PEREIRA (2005), o grau de autonomia que o adolescente adquire varia de acordo com fatores culturais. Observa-se que em culturas que valorizam a autonomia e a independência, como a cultura individualista norte-americana, é provável que um alto índice de autonomia seja desejável e o adolescente procure autonomia de suas famílias relativamente cedo. Em contrapartida, uma cultura coletivista, como a cultura latino-americana e a oriental, em que o bem-estar do grupo é visto como mais importante do que o do indivíduo, há valorização da coesão familiar, as metas são compartilhadas e os pais são mais intrusivos na educação dos filhos. Portanto, nesses casos, as aspirações adolescentes de adquirir autonomia são menos pronunciadas.

Na realidade brasileira existe certa confusão sobre essa temática. Por vezes, a autonomia é relacionada à crença do controle da sua própria vida, outras vezes, com a possibilidade de ser livre, considerando a liberdade como possibilidade de fazer o que se quer, independentemente dos desejos e responsabilidades, como se a liberdade do jovem excluísse “o outro”, como se fosse necessária a desvinculação dos laços familiares, ao passo que autonomia, como hoje é entendida, supõe que o jovem possa, sim, ser livre e ao mesmo tempo manter seus vínculos familiares (REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

Apesar da influência de diferentes culturas, há semelhanças na forma como os adolescentes de diferentes nacionalidades e regiões do mundo percebem a sua própria autonomia. Na verdade, a autonomia é universalmente vista como um valor fundamental para o adolescente (Konopka, 1983; Meyer, 1988; Williamson & Campbell, 1985; Benaches, 1981; Poole *et. al.*, 1986; Bosma *et. al.*, 1996; Zani *et. al.*, 2001, *apud* FLEMING, 2005a).

MÉTODO

É importante deixar claro que se tratou de uma pesquisa qualitativa. Neste trabalho, a abordagem qualitativa justifica-se por privilegiar a busca dos significados das experiências, considerando os aspectos psicossociais e o contexto cultural. O objetivo é a busca do sentido, ou dos sentidos, de um documento representado por palavras ou imagens. Compreender as dimensões profundas e significativas requer um recurso qualitativo que abranja a complexidade dinâmica dos fenômenos a partir da multiplicidade de relações.

Godoy (1995a) *apud* NEVES (1996) aponta as características essenciais de uma pesquisa qualitativa: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo. A pesquisa qualitativa tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social (NEVES, *op.cit.*).

Para atender os objetivos desse trabalho foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com seis participantes adolescentes na faixa etária entre 16 e 17 anos, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, por se entender que essa seja a faixa etária onde a questão estudada se encontra mais evidente. Os jovens são de classe média/média-alta paulistana e todos cursavam o ensino médio na ocasião das entrevistas.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-dirigida e o roteiro da mesma foi feito com base na revisão bibliográfica inicial. Para a formulação do roteiro foram considerados os itens comportamentais identificados no estudo de FLEMING (2005a) sobre a percepção da autonomia por adolescentes. Os onze itens comportamentais foram: decorar o quarto da maneira que deseja; escolher o penteado e se vestir como quiser; ter o próprio dinheiro para gastar sem supervisão; sair durante a noite; ficar de fora da casa sem ter que dizer aos pais aonde está; entrar e sair da casa como e quando quiser; ficar fora de casa aos finais de semana; não passar finais de semana com a família; ter um namorado/a; resolver problemas sem a ajuda dos pais; ter ideias próprias sobre política, religião e educação.

Durante a elaboração do roteiro de entrevista verificou-se que os itens comportamentais do estudo de FLEMING (*op.cit.*) se relacionavam e permitiam a formulação de unidades temáticas que, posteriormente, serviram como base das categorias de análises que foram utilizadas para tratamento e análise dos dados. As unidades temáticas identificadas foram: relação com família, decisão de rotina e

relação com pares.

Inicialmente foi realizada uma entrevista-piloto com o intuito de testar o roteiro de entrevista e também de avaliar possíveis dificuldades advindas da abordagem de adolescentes na situação de entrevista individual. Os dados dessa entrevista não foram utilizados para a análise apresentada no presente trabalho. Após a discussão da entrevista-piloto com o orientador, alguns ajustes foram feitos, sendo que o roteiro utilizado nas entrevistas com os participantes é o que se encontra no anexo A.

O número de entrevistados não foi pré-estabelecido. O critério para o encerramento das entrevistas foi o surgimento de padrões de respostas. Tal ferramenta conceitual é denominada de amostragem por saturação e é utilizada para estabelecer ou fechar o tamanho final de uma amostra em estudo. O fechamento amostral por saturação teórica é a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008).

Os participantes foram selecionados por indicações de amigos tanto da rede social pessoal da pesquisadora quanto dos próprios adolescentes inicialmente entrevistados. Eles foram contatados pessoalmente ou por telefone. Nesse primeiro contato foi realizada a apresentação da pesquisadora, bem como a explicitação do tema e do objetivo de pesquisa, além de ser agendada a entrevista no local e horário de preferência do participante. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na residência dos colaboradores ou outro em local que garantiu a privacidade do participante, como em uma sala de aula da PUC-SP. Uma síntese das entrevistas encontra-se no anexo C para consulta. É importante elucidar que os nomes apresentados dos adolescentes entrevistados são fictícios a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Cabe ressaltar que o projeto de pesquisa que culminou neste trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob protocolo nº 282/2011 (Anexo B).

Para a análise das entrevistas foi utilizado o procedimento de *análise de conteúdo qualitativa*, em que o material das entrevistas é organizado em um modelo de comunicação no qual se consideram os aspectos do comunicador (suas experiências, sentimentos e opiniões), a situação de produção do texto e o contexto sociocultural do participante. Esse modelo envolve a elaboração do material em unidades de análise de conteúdo ou categorias que consideram os temas abordados nas entrevistas. Assim, nesse procedimento, há a construção de categorias (apriorísticas e não-apriorísticas) na organização da análise dos dados (MAYRING, 2000).

A fim de uma primeira organização dos dados de entrevista, partiu-se das categorias de análises resultantes das unidades temáticas já utilizadas na formulação do roteiro de entrevista, resultando na construção de uma tabela geral (Tabela 1 - vide anexo D) que abarca conteúdos de todas as entrevistas. Apesar disso, considerou-se, também, na elaboração dessa tabela, a abertura para categorias emergentes, sendo que a categorização dos conteúdos foi realizada a partir do objetivo do estudo, procedendo-se a classificação de elementos por semelhanças (Bardin, 2004, *apud* CAMPOS, 2004).

Ainda, sobre o procedimento de análise dos dados, esperava-se inicialmente que seria baseado em todas as categorias pré-estabelecidas durante a elaboração do roteiro de entrevista. Entretanto, embora o roteiro tenha sido o mesmo para todos os participantes, depois da realização das entrevistas e da leitura e releitura do material coletado, ficou evidente que as entrevistas eram muito específicas, com características peculiares de cada entrevistado, no sentido de que alguns se aprofundaram em aspectos temáticos que não necessariamente foram aprofundados pelos outros. Optou-se, portanto, na apresentação das considerações individuais e da análise de cada entrevista para depois desenvolver considerações gerais sobre as várias entrevistas, tendo como base a Tabela 1 (anexo D).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na entrevista de Júlio notou-se o início de um movimento de tomada de decisões e de reflexão sobre o que realmente é importante, indicando novas perspectivas com mudanças de condutas para atitudes responsáveis, como quando decide levar com maior seriedade as lições da escola por estar no ano pré-vestibular e não ficar mais tanto tempo no computador. O adolescente consegue imaginar consequências futuras de ações que podem ser empregadas no agora, possibilitando um planejamento de longo prazo e uma maior responsabilização sobre suas ações (PEREIRA, 2005).

Por outro lado, apesar do fato de a mãe de Júlio dar liberdade para ele tomar decisões e não impor regras, ele mostrou-se ainda muito subjugado à autoridade dela, ou seja, a mãe ainda é um modelo a ser seguido e pouco contestado. Isto é exemplificado quando cita que nunca teve uma experiência de completa liberdade, pois sempre tem que dar satisfação à mãe, e nunca se encontra completamente sozinho; também quando expõe que não se sente dono de si, afinal tem que obedecer a sua mãe. Assim, nota-se que o movimento de desconstrução do modelo de perfeição dos pais (PEREIRA, *op.cit.*) e a necessidade de rupturas e mudanças (CARTER & MC GOLDRICK, 1995) que são essenciais para a aquisição da autonomia, ainda não se expressam nas vivências de Júlio.

Porém, mesmo nesse contexto de apego à mãe e ao que ela representa enquanto figura de autoridade, Júlio demonstra iniciar um movimento de desenvolvimento de valores individuais que desenham o que ele realmente quer e acredita. Esse cenário pode ser ilustrado quando Júlio começa a questionar o fato de os amigos sempre terem que andar juntos e quando critica o tipo de namoro que teve. Esse processo de formação de valores e opiniões, o início do processo de descoberta de si, é evidenciado, também, quando Júlio aponta gostar de uma escola que lhe dê espaço para se expressar. Assim, fica claro o início do movimento autônomo de Júlio em alguns âmbitos de sua vida, uma vez que STEINBERG & SILVERBERG (1986) incluem na definição de autonomia a capacidade de expressar opiniões próprias que transcendem as ideias alheias.

Ainda, apesar de ter deflagrado o processo de construção de uma identidade e de aquisição de autonomia, Júlio manifestou ter reações infantis, impulsivas e não-assertivas quando quer se colocar. Isto se manifesta, por exemplo, quando ele relata ter quebrado a porta de casa aos socos duas vezes numa briga com a namorada e numa ocasião na qual sua mãe não o apoiou na decisão de mudar novamente de escola. Ainda, algo que se mostra regredido em Júlio é que, embora tenha o aparato cognitivo para se imaginar no futuro, sua principal referência para refletir sobre a vida é o passado e o presente. Tal fato é explicitado, por exemplo, quando cita “*sempre tive que dar satisfação para a*

minha mãe e eu nunca vou deixar de dar” (sic.), sem considerar que essa opinião não necessariamente se manterá quando ele ingressar na vida adulta.

Dos participantes entrevistados, Luiz é o único que trabalha. Apresentou-se como um profissional *freelancer*, sendo que a decisão de trabalhar foi de iniciativa própria, demonstrando ter percepção do que é importante para ele e indicando certa atitude responsável. Aparenta acreditar em seu potencial e refere ser engajado com o que gosta, desde estudar programação de computadores até se envolver com os projetos da escola. REICHERT & WAGNER (2007a) apontam a importância de um indivíduo autônomo tomar para si a responsabilidade de seus atos e confiar em si mesmo.

O contexto de liberdade total em que Luiz vive, no sentido de não ter regras e poder tomar decisões sozinho sem dar satisfações aos pais, também exige que ele desenvolva recursos que, talvez, em um cenário com maior influência dos pais, não precisaria desenvolver. Para ilustrar, destaco sua fala a respeito de só usar o transporte público para se locomover pela cidade: *“mesma liberdade que me dão para sair é a liberdade que eu tenho para me virar” (sic.)*. Ele expõe, aqui, a discussão sobre a importância de se considerar as influências do contexto desenvolvimentista no processo de aquisição da autonomia (REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

Ainda, Luiz critica a criação/educação que recebe, a qual, segundo ele, não comporta nenhuma regra. Isso demonstra que Luiz já começou a ponderar, avaliar as condutas de seus pais, inclusive a ponto de decidir não reproduzir tais condutas. PEREIRA (2005) aponta que os jovens na adolescência passam a perceber que os valores e a forma de vida de sua família não são os únicos, sendo capazes de realizar julgamentos e entender que a maneira de ser de outros pais pode ser melhor que a de seus próprios. O entrevistado indicou a necessidade de os pais apoiarem e estarem presentes neste momento de vida do jovem: *“deixar tudo na responsabilidade de uma pessoa de 16/17 anos? Ela não sabe como se cuidar ainda; é preciso estabelecer margens porque ela não conhece tudo ainda, precisa de apoio” (sic.)*. Essa opinião de Luiz é consonante com os achados do estudo de REICHERT & WAGNER (2007b) em que, na avaliação dos estilos parentais, a maioria dos jovens entrevistados percebe seus progenitores como negligentes, isto é, pouco envolvidos com eles, sem a preocupação de estabelecer algum tipo de supervisão das suas condutas.

O conceito de autonomia proposto por SPEAR & KULBOK (2004) indica que se trata de um processo ativo, um fenômeno orientado pelos pais que ocorre de forma gradual, iniciando-se nos primórdios da existência e estendendo-se ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Tendo em vista ser um fenômeno orientado pelos pais, é de extrema importância o envolvimento deles nesse processo.

Luiz indicou ter uma atitude madura em relação aos amigos, no sentido de considerar o que eles falam, mas de tomar decisões próprias e refletidas. STEINBERG & SILVERBERG (1986) e FLEMING (2005a) indicam que autônomo é o indivíduo que, dentre outras coisas, pensa por conta própria. No entanto, se Luiz demonstrou aparente responsabilidade em diversos aspectos, denotou atitudes infantis impulsivas na administração do próprio dinheiro.

O discurso de Luiz deu a entender que seus pais (mãe e padrasto) expressam atitudes ambivalentes na relação com ele, isso porque às vezes indica que os mesmos se engajam em suas decisões, como na assessoria à mudança de escola, e às vezes se omitem quase que completamente. Aqui, é possível pensar que a ambivalência talvez seja do próprio Luiz (e própria da adolescência), que ora se dá conta da necessidade da supervisão parental (isto é, de que não está preparado para tomar certas decisões sozinho) e, não a recebendo como desejaria, entende a atitude dos pais como de abandono. Por outro lado, pode ser que seus pais estejam tentando respeitar as escolhas dele, oferecendo-lhe espaço para tomar suas próprias decisões e fomentar sua autonomia. Tendo em vista que a família é instituição favorecedora da formação da pessoa, com a função de proteção, apoio e afeto (REICHERT & WAGNER, 2007a), é de extrema importância os pais estarem engajados e serem presentes na vida dos filhos. Entretanto, é igualmente essencial que os pais respeitem a individualidade de seus filhos para que estes consigam expressar sua afetividade equilibrando a liberdade e, desta forma, fomentando a autonomia. (Rios Gonzáles, 2005 *apud* REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

Assim, dentre os entrevistados, Luiz mostrou-se o adolescente mais independente e autônomo. O desenvolvimento da independência é um componente crucial para a aquisição da autonomia (STEINBERG & SILVERBERG, *op.cit.*). Independência refere-se à capacidade dos jovens agirem por conta própria; uma alta independência é realmente necessária para atingir a autonomia. Contudo, a autonomia não se resume a ter comportamentos independentes, já que envolve pensamentos, sentimentos e tomadas de decisões que dizem respeito não só ao próprio indivíduo, mas também às relações que ele estabelece (REICHERT & WAGNER, 2007a).

O entrevistado indica que o contexto familiar lhe oferece oportunidades para tomar decisões próprias, resolver problemas sozinho e cuidar de si mesmo. Isto não ocorre quando ele viaja com um grupo, afinal, apesar de ter responsabilidades, “*você acaba dividindo as coisas, se sente acolhido*” (*sic.*). Neste caso, Luiz parece expressar exatamente a importância que a relação com os pares tem para o adolescente nesta etapa da vida. Neste caso, a importância do grupo acolhedor que favorece o sentimento de pertencimento e a sensação de segurança.

Por fim, Luiz reflete sobre sua condição de adolescente como uma vida a ser vivida, sendo que indica uma maturidade no sentido de não valorizar atitudes extremadas de tudo ou nada, uma vez que se define como um ser mutante em constante movimento. Esta noção é expressa pela literatura, uma vez que o processo de construção de identidade não é exclusivo da adolescência e perdura ao longo da vida adulta (AZNAR-FARIA, SILVARES & SCHOEN-FERREIRA, 2003; FADIMAN & FRAGNER, 2004).

Na perspectiva de João, seus pais se conduzem diferentemente em relação à educação dele. O pai é tido como um amigo, uma vez que não lhe impõe limites e é a pessoa com quem João compartilha tudo sobre sua vida. Por outro lado, a mãe parece ter um papel ativo em sua educação, no sentido de um monitoramento mais efetivo, já que é ela que coloca as regras e impõe os limites. Esse cenário exposto por João se contrapõe aos resultados do estudo de REICHERT & WAGNER (2007b) no qual, segundo a percepção dos adolescentes, não existe diferença significativa entre os estilos disciplinares adotados por ambos os pais, ou seja, os filhos percebem ambos como possuidores de estilos educativos semelhantes. No entanto, cabe ressaltar que talvez a diferença esteja relacionada ao status conjugal do casal, uma vez que os pais de João são divorciados.

Vale refletir se o discurso de João sobre seus pais o deixarem fazer o que quer é compatível com o que ocorre de fato, uma vez que ele dá a entender que sua mãe exerce grande controle sobre suas escolhas. É essencial destacar que embora o adolescente seja educável e receptivo às orientações de seus pais, ele deve ser estimulado para conquistar sua liberdade pessoal e sua autonomia (REICHERT & WAGNER, 2007a). O estudo de REICHERT & WAGNER (2007b) aponta que o estilo materno autoritário tende a inibir o desenvolvimento da autonomia funcional, mas não é possível afirmar que este é o caso de João, uma vez que ele refere ter um pai amigo e confidente.

Ainda, em diversos momentos, João indicou não concordar com a posição de sua mãe, mas não parece se confrontar com a mesma. Importante elucidar o papel da família enquanto rede de proteção na abertura de espaço para o outro, uma vez que a diversificação de laços e referências possibilita ao adolescente construir sua autonomia. Isso ocorre porque, ao criar oposições e conflitos, aos poucos o adolescente diferencia-se e torna-se sujeito (ROCHA, 2002), movimento esse que parece ainda não estar ocorrendo no caso de João.

É importante ressaltar o motivo pelo qual João frustrou-se ao mudar de escola no primeiro colegial: a nova escola não era liberal do jeito que prometia e sim extremamente intolerante com condutas diferentes daquelas defendidas pela instituição. Isso ressalta a dificuldade de João com relações de autoridade, apontando certo incômodo dele com regras. Entretanto, vale destacar que esse

movimento de mudar de escola foi iniciativa do próprio João, sugerindo uma experimentação da autonomia, no sentido de tomada de decisões por vontade própria (OLIVA & PARRA, 2001; NOOM, DEKOVIC & MEEUS, 2001; SPEAR & KULBOK, 2004; FLEMING, 2005a).

Quando João discorre sobre seu relacionamento com a namorada, indica a importância de ter seu espaço, a necessidade de ter momentos sozinhos para fazer o que gosta sem compartilhar com mais ninguém. Discute-se, então, que não só a relação com os pais pode ser sufocadora, como a relação com os pares pode ser percebida como limitadora do exercício da autonomia. Morin *et. al.* [(1996), *apud* REICHERT & WAGNER (*op.cit.*)] afirmam que o indivíduo é autor e ator de sua história e das diferentes histórias sociais, e são múltiplas as influências dos diversos sistemas dos quais ele participa. Em outras palavras, para conhecer o potencial autônomo do sujeito, é fundamental compreender que tipo de relações o jovem estabelece na sua vida social.

Interessante explorar o modo infantil como João lida com a questão financeira. Ele é o único dos entrevistados que não ganha um valor fixo por mês de mesada. Sempre que precisa de dinheiro pede a familiares e quando é algo de valor elevado aponta para a necessidade de um planejamento. Porém, esse planejamento não vem dele próprio e sim da sua mãe.

Em adição, o fato de João querer fazer intercâmbio antes de decidir de fato sua profissão sugere a necessidade de uma moratória psicossocial, ou seja, ele demonstra precisar experimentar diversas situações e papéis antes de tomar uma decisão como essa. Moratória, também, no sentido de que seus compromissos ainda parecem vagos, embora ele demonstre estar lutando para estabelecê-los. (PEREIRA, 2005, p. 92)

João afirma que ao viajar com os amigos sente-se completamente livre. Porém, é essencial discutir que no contexto grupal expresso por João uma pessoa cuida da outra, o que é diferente dele conseguir cuidar de si mesmo e então ajudar o/a amigo/a. Dessa forma, João denota não se sentir inteiramente dono de si, pois tem que lidar com os limites que sua mãe coloca, mas não demonstra se incomodar com isso, pois aparentemente se trata de uma situação confortável para ele.

No relato de Paula fica claro certo monitoramento por parte da mãe, mas aparentemente a mãe de Paula dá espaço para ela criar seus próprios valores e perceber seus limites. Isso pode ser ilustrado na fala da adolescente sobre ter “*simancol*” (*sic.*) na hora de voltar para casa quando sai à noite nos finais de semana. Em outras palavras, a mãe de Paula se faz presente, mas não sufoca a filha. As regras não se apresentam como rígidas a ponto de limitar as escolhas da jovem e o desenvolvimento de sua autonomia. Aparentemente, Paula segue o que REICHERT & WAGNER (2007a) apontam como

essencial no processo de aquisição de autonomia: ser estimulada para conquistar sua liberdade pessoal, sua autonomia.

Nesse raciocínio, quando Paula afirma que escuta a opinião dos pais para tomar decisões, mas que é ela própria que decide, isso indica que na relação com os pais há espaço de negociação, no sentido de eles permitirem que Paula se coloque, embora também manifestem seus pontos de vista; ou seja, gerir a própria vida parece ainda ser fruto de negociações entre Paula e seus pais. Ela tem autonomia para tomar decisões, desde que supervisionada pelos pais, como ocorreu nas diversas mudanças de escola pelas quais passou. A dinâmica familiar de Paula parece se enquadrar no que SANTROCK (2003) chama de “famílias saudáveis” que se ajustam à pressão dos adolescentes por independência, tratando-os de maneira mais adulta e incluindo-os mais na tomada de decisões familiares.

Vale destacar, também, que Paula demonstrou ter atitude no sentido de se impor quando discorda dos pontos de vista dos pais. Essa atitude aponta o quão importante é para Paula fazer escolhas que sejam coerentes com o seu desejo. CARTER & MC GOLDRICK (1995) afirmam que, para formar sua própria identidade, o jovem faz um processo de seleção e abandona ensinamentos, desejos e valores que lhe foram transmitidos e que não lhe agradam, mas também toma para si aquilo que lhe convém e que deseja manter.

A entrevista de Paula proporciona a reflexão sobre a preservação da intimidade na adolescência. Ela cita que não gosta de falar sobre questões pessoais com seus pais. Fato que sugere a importância do adolescente ter seu espaço privado, ter sua intimidade, poder começar a ponderar sobre o que deve e quer que seja compartilhado com terceiros. É possível pensar que, neste caso, Paula demonstra ter desenvolvido importante recurso no processo de desenvolvimento de sua autonomia: diferenciação entre o que cabe ao domínio privado e o que cabe ao domínio público.

Paula relata nunca ter se sentido completamente livre e dona de si, mas demonstrou maturidade ao considerar seu contexto de vida, tomando decisões dentro de sua realidade e tentando evitar escolhas irrealis e inatingíveis. PEREIRA (2005) expõe que o adolescente, perante uma situação problema, tem a capacidade de examinar, imaginar e avaliar as diferentes relações possíveis e, a partir de experimentações e análise lógica, verificar quais das relações possíveis são realmente verdadeiras.

Larissa referiu que sua mãe a monitora, isto é, lhe impõe regras como horário para chegar em casa nos finais de semana e supervisão do uso excessivo do computador quando ela tem que estudar. Porém, pelo discurso de Larissa, supõe-se que sua mãe não seja, de fato, rígida, já que as regras

impostas parecem não limitar a vida de Larissa, inclusive porque os limites impostos não a incomodam. Larissa expressa ter outras referências para além da materna. Por exemplo, ela tem amigas que, em sua opinião, seguem regras muito mais rígidas e, por isso, não se incomoda com os limites que lhe são impostos no dia-a-dia. Também parece dar importância para as regras, no sentido de precisar delas para guiá-la em suas decisões. Ressalta-se, aqui, a importância que os limites parentais têm no desenvolvimento da autonomia, ainda que os jovens se queixem deles (PEREIRA, *op.cit.*).

A entrevistada não demonstrou iniciativa no que tange a tomadas de decisões. Afirmou não ter o costume de tomar muitas decisões sozinha e referiu aceitar as escolhas que os pais fazem por ela, o que foi ilustrado ao relatar sobre o fato de ter aberto mão do treino de futebol (algo de que gostava bastante) em função das aulas de inglês (decisão dos pais). Os pais de Larissa insistiram no inglês e ela acatou sem se impor, mas dá a entender não ter se incomodado com tal decisão, o que aparentemente sugere um senso de responsabilidade, uma noção de prioridade e do que é importante em sua vida. Vale destacar, entretanto, que Larissa considera-se dona de si, uma vez que, segundo ela, ninguém toma decisões em seu lugar. Discute-se, aqui, a discrepância entre tal conteúdo manifesto com o conteúdo latente de seu discurso que indica exatamente o contrário: uma passividade e submissão à decisão de terceiros. REICHERT & WAGNER (2007a) apontam que é comum os pais impedirem o filho de resolver as próprias dificuldades, o que posterga o desenvolvimento de sua autonomia e prejudica o estabelecimento de relações maduras, pois, diante de dificuldades, os jovens recorrem aos progenitores e não aos recursos que deveriam ter desenvolvido.

Assim, reflete-se que Larissa ainda não expressa um movimento afirmativo em relação à conquista da autonomia. No entanto, é fundamental considerar o contexto familiar no qual ela se desenvolve que aparentemente não exige dela o desenvolvimento de recursos favorecedores de decisões autônomas. O sucesso da aquisição da autonomia está relacionado à percepção que o jovem possui do mundo que o rodeia. REICHERT & WAGNER (*op.cit.*) discutem que em uma sociedade na qual os jovens percebem seus progenitores como pouco exigentes é provável que eles tenham dificuldade em tomar decisões a respeito de suas vidas, mas não parece ser este o caso de Larissa.

Ficou evidente a importância da internet para Larissa, uma vez que ela fica conectada o dia inteiro e se classifica como “viciada”. Ela destaca que as redes sociais permitem conhecer os outros e favorecem que os outros te conheçam, além de propiciar uma comunicação constante com os amigos. A interação virtual permite novos referenciais acerca da identidade do adolescente, além de ser um agente de socialização entre os jovens (BASMAGE, 2010).

Algo curioso a ser destacado é que Amanda é a única entrevistada com pais ainda casados, indicando uma geração de adolescentes cuja convivência com pais divorciados tem se tornado cada vez mais comum.

Amanda costuma recorrer ao pai quando tem alguma dificuldade, especialmente financeira. Ela afirmou que a mãe a monitora, mas não a sufoca, no sentido de que a alerta para o que acha ser a melhor escolha, mas deixa a decisão nas mãos da filha. Amanda relatou que pais não impõem regras em nenhum setor de sua vida. Ela demonstrou se incomodar com as regras da instituição escolar de ter que estudar conteúdos que não são do seu agrado e também reforçou sua indignação quanto ao estabelecimento de regras por parte dos pais, ao responder a pergunta sobre se achava que adolescentes deveriam ter regras quanto ao uso do computador: *“imagina colocar regras pra tudo!?! Cada um deve tomar sua decisão” (sic.)*.

Segundo REICHERT & WAGNER (2007a), o desenvolvimento da autonomia envolve transformações nas relações familiares com o intuito de preparar o adolescente para o ingresso na vida adulta, sendo que tanto os pais como os filhos desempenham um papel complementar na relação que estabelecem. Em outras palavras, é essencial a participação dos pais no processo de aquisição de autonomia dos filhos adolescentes, o que, no caso de Amanda, parece não ocorrer.

Outro aspecto que merece atenção é que Amanda foi a única entrevistada que relatou esconder dos pais o fato de consumir bebidas alcoólicas. Assim, cabe a reflexão sobre o que levaria a entrevistada a esconder isso dos pais: seria uma questão de preservação da privacidade? Medo das consequências? Receio de punição?

Ainda, Amanda mostrou-se extremamente ligada a internet e interessada em séries de televisão, revelando não se desligar e sempre estar conectada a alguma tecnologia, sendo que ela justifica esse interesse pelo entretenimento que lhe é proporcionado. A internet tem conquistado cada vez mais espaço na vida dos adolescentes, ocupando papel central na vida dos mesmos (BASMAGE, 2010), mas também pode comprometer as possibilidades de relacionamentos reais para os jovens, que são essenciais para o desenvolvimento de habilidades sociais próprias das relações interpessoais adultas (amizades, relações afetivas, relações fraternas e relações de trabalho).

No que tange à sua escolha profissional, Amanda evidenciou a influência externa de amigos do seu irmão. A entrevistada demonstrou interesse em se informar sobre as alternativas profissionais a fim de se aprofundar em cada área, visando uma decisão própria. A mudança na cognição que ocorre na adolescência permite ao jovem pensar sobre o futuro, explorar opções e possibilidades, além de

imaginar-se em diferentes papéis e tomar decisões como, por exemplo, sobre sua carreira (PEREIRA, 2005).

Amanda afirmou ter se sentido completamente livre quando fez intercâmbio de um mês no Canadá, situação em que se sentiu responsável por si mesma. Disse, também, sentir-se dona de si porque faz o que quer. Os adolescentes buscam ativamente a sua autonomia, a independência e um senso de controle de suas próprias vidas (PEREIRA, 2005).

Vale refletir sobre a diferença entre autonomia e liberdade. A liberdade de se fazer o que quer não necessariamente implica em uma autonomia, pois essa última relaciona-se com responsabilidades, com o bancar consequências. A autonomia envolve a liberdade, mas a recíproca não é necessariamente verdadeira: é possível ser livre e não ser autônomo. Equilibrar a liberdade e a responsabilidade é um movimento que não se limita à adolescência e perdura ao longo da vida.

Todos os participantes escolhem pelo menos uma de suas atividades além da escola, fato que mostra um movimento de autonomia no sentido de escolha de rotina e atividades. A maior parte das atividades escolhidas pelos adolescentes se refere a algum esporte ou atividade física. Luiz e Paula têm atividades obrigatórias na escola que vão além das aulas tradicionais. João e Larissa fazem inglês por imposição dos pais, mas não reclamam, uma vez que gostam da atividade e entendem a importância da mesma. SEGRE, SILVA & SCHRANM (2005) consideram autônomo o indivíduo que escolhe suas normas e valores, faz projetos, toma decisões e age a partir dessas escolhas. NOOM, DEKOVIC & MEEUS (1999) definem a autonomia como a habilidade de dirigir a própria vida, definir metas, sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações.

Em relação ao transporte que utilizam, apenas Luiz citou o transporte público, sendo que o restante utiliza transportes que dependem de alguma maneira dos pais, mesmo que financeiramente, salvo aqueles que andam a pé. Essa dependência financeira dos adolescentes em relação aos pais se destacou quando foi abordada a questão da mesada. Por serem adolescentes é esperado que ainda não sejam independentes financeiramente e isso foi confirmado em todas as entrevistas. Porém, é interessante destacar que Luiz foi o único que já começou um movimento de tentar amenizar tal dependência, já que ganha dinheiro fazendo trabalhos em computação como *freelancer*.

Sobre os finais de semana, ficou clara uma semelhança de programação entre os entrevistados. A maioria frequenta bares, festas e casas de amigos. As diferenças surgiram no que se refere às regras dessas saídas nos finais de semana. Júlio, Luiz e Amanda afirmam que não existem regras impostas pelos pais; Paula e Larissa têm pequenas limitações a respeito de horários; e João é o único que

expressou ser submetido a regras mais restritas, já que só pode sair uma noite no final de semana. As reações perante as regras também foram distintas: Júlio e Amanda afirmam adorar não serem submetidos a regras, já Luiz indicou sentir falta de alguns limites parentais; Larissa gosta das regras e entende que elas poderiam ser piores, mais rígidas; Paula e João indicam alguma insatisfação, mas demonstraram ter uma compreensão do motivo da imposição de tais limites.

REICHERT & WAGNER (2007a) apontam a adolescência como um período em que é necessário introduzir mudanças na vida familiar, o que supõe acordos entre os pais e os filhos. Essas mudanças são relacionadas à autoridade, disciplina, estilo de vida, estilo de educação, de comunicação e de adaptação. Adaptação aqui entendida no sentido do adolescente saber se localizar, enfrentar os novos desafios e demandas do período e, sob a perspectiva dos pais, permitir que os jovens assumam seus novos papéis e sua autonomia (Rios Gonzáles, 2005 *apud* REICHERT & WAGNER, *op.cit.*).

Apenas Larissa não ingere bebidas alcoólicas e tampouco fuma; Paula experimentou os dois, mas não o faz mais; o restante costuma beber e apenas Luiz também fuma. Isso retrata um aspecto característico da adolescência, a experimentação, que contribui para a formação da identidade, no sentido de o jovem estabelecer distinções entre o que lhe agrada e o que não quer para si (CARTER & MC GOLDRICK, 1995). Outros aspectos característicos da adolescência aparecem nos relatos como, por exemplo, o início da sexualidade, já que na adolescência há a formação de uma identidade sexual que, por sua vez, consiste basicamente no indivíduo se ver como um ser sexual, adaptar-se às excitações sexuais e formar novas ligações afetivas com os pares (PEREIRA, 2005). Ainda, ficou evidente a importância do grupo de amigos no discurso dos adolescentes, sendo que tais relações com os pares servem como protótipos dos relacionamentos adultos posteriores (PEREIRA, *op.cit.*).

Todos os adolescentes entrevistados utilizam diariamente a internet de alguma maneira. É importante ressaltar que, na atualidade, estar *online*, conectado, não se limita mais ao uso do computador em si, mas se expande para outros aparelhos tecnológicos, como celulares e *tablets*. Os motivos do uso da internet são diversos, mas com um elemento comum a todos os participantes: as redes sociais. O uso das redes sociais foi justificado por ser recurso de entretenimento, de comunicação com amigos, meio de se mostrar, de conhecer outras pessoas e de ser conhecido. Há que se ressaltar que a internet influencia o modo como os adolescentes percebem o mundo e formam conceitos, uma vez que é um instrumento de acesso às informações e de estabelecimento de relações. Para os adolescentes, o contato com a internet estimula a liberdade para expressar as suas convicções e preferências (BASMAGE, 2010).

Vale ressaltar que nenhum dos adolescentes entrevistados tem regras quanto ao uso da internet. Apenas Larissa tenta reduzir este uso quando está em período de provas. Porém, quando indagados se achavam que adolescentes de sua idade deveriam ter regras em relação ao uso do computador, Luiz e João indicaram que não deveriam, mas Luiz respondeu com base em sua própria experiência com o computador; Paula e Amanda expressaram a importância de cada um decidir por si e saber do seu limite; Larissa indicou acreditar que adolescentes deveriam usar menos, mas não fazem nada para tal, denotando uma opinião autorreferente sobre o assunto; e Júlio crê que os adolescentes que fazem uso excessivo do computador deveriam ter limites, já que acredita que o uso exagerado não faz bem à saúde. Assim, os participantes revelam suas diferenças de valores em relação ao uso de regras e limites na utilização do computador e da internet.

Sobre respostas autorreferentes de Larissa e Luiz, podemos relacioná-las com o que PEREIRA (2005) define de egocentrismo adolescente: embora o adolescente desenvolva a habilidade de conhecer e conceituar o pensamento de outras pessoas, não consegue diferenciar os objetos para os quais ele é dirigido dos objetos que são focos de sua própria preocupação.

Os participantes indicaram ter boas relações com familiares e amigos, sendo que ninguém destacou alguma relação em que se sentiu limitado em sua autonomia, ou não apoiado em relação às suas escolhas e decisões. Tendo em vista que o sucesso ou insucesso dessa tarefa desenvolvimental que é a aquisição da autonomia está relacionado com a percepção que o jovem possui do mundo que o rodeia (REICHERT & WAGNER, 2007a), as percepções expressas pelos adolescentes entrevistados sobre suas relações interpessoais parecem favorecer o desenvolvimento de sua autonomia.

Outro elemento a ser destacado nas entrevistas se refere à relação entre os diferentes modos de manifestação dos entrevistados e as decisões de seus pais. Larissa mostrou acatar as decisões parentais sem incômodo, enquanto João demonstrou incomodar-se com as imposições da mãe, embora não a confronte abertamente. Por outro lado, Júlio expôs se posicionar quando discorda de sua mãe, mas faz isso de maneira infantil, impulsiva e muitas vezes agressiva; já Paula, por exemplo, indicou manifestar-se quando não concorda com qualquer decisão de seus pais, mas aparentemente se coloca de uma forma mais madura e assertiva. O estudo de FLEMING (2005a) sugere um papel positivo das ações de confrontação com os pais no processo de aquisição da autonomia.

Outra reflexão essencial de se fazer é em relação à importância de um contexto favorecedor para o exercício da autonomia do adolescente. No caso de Luiz, ficou claro que esse contexto exige dele o desenvolvimento de recursos autônomos. Por outro lado, Larissa mostrou-se desenvolver em um contexto que não exige dela o mesmo movimento, resultando em escassez de tomada de decisões

próprias. Cada jovem, ao ingressar na adolescência, terá influências que contribuirão ou não para o seu desenvolvimento. Assim, apesar de a conquista da autonomia ser um processo particular e ser construída pelo sujeito, REICHERT & WAGNER (2007a) ressaltam a necessidade de um contexto social facilitador para que esta seja efetiva.

Outro aspecto que chamou a atenção nesta análise é que todos os adolescentes indicaram gostar da escola; as poucas indicações de insatisfação se referiram à obrigação de estudar matérias consideradas pouco agradáveis ou desinteressantes. Ainda assim, todos demonstraram gostar da escola, principalmente porque ela permite o estabelecimento e desenvolvimento das relações interpessoais com os pares. BRONFENBRENNER (1996) expõe que os contextos mais próximos da pessoa, como a escola, os amigos e a família, exercem um papel importante no desenvolvimento do indivíduo e, dentre outros, na aquisição da autonomia. Fica destacada, então, a discussão da escola como importante local de desenvolvimento do exercício da autonomia. Os resultados do estudo de ALLEN *et. al.* (2012) sugerem que o envolvimento dos alunos na escola e a autonomia na sala de aula estão relacionados. ALLEN *et. al.* (1994) apontam que os adolescentes são mais propensos a ter sucesso ao se envolverem em situações que permitam a autonomia, sendo que, na medida em que os adolescentes sentem que têm algum controle sobre a situação na qual estão envolvidos, mostram-se mais interessados e atraídos naquilo que estão aprendendo. Em outras palavras, os adolescentes se mostram mais sintonizados se o contexto atende suas necessidades de autonomia.

É interessante ressaltar que apenas Amanda nunca mudou de escola e Larissa só mudou quando era muito pequena; os outros adolescentes já trocaram de escola e na maioria das vezes por iniciativa deles próprios, indicando uma autonomia de escolhas. Tomar decisão não implica na exclusão dos pais nesse processo; alguns pais assessoraram os filhos nessas mudanças.

A respeito da escolha profissional, todos os adolescentes demonstraram ter dúvidas e dificuldades, sendo que Júlio e Amanda mostraram-se os mais decididos, mas também foram os que tiveram alguma influência externa nesse processo de decisão. Assim, apesar de o adolescente pensar sobre o futuro, explorar opções e possibilidades (PEREIRA, 2005), nota-se a dificuldade de se tomar essa decisão, principalmente em um período característico de formação de identidade. A construção de uma identidade se traduz na definição de quem a pessoa é e nos valores, crenças e metas de vida com os quais ela está comprometida (AZNAR-FARIA, SILVARES & SCHOEN-FERREIRA, 2003).

Um aspecto que merece ser explorado se refere à experiência de se sentir completamente livre. Júlio, Paula e Larissa indicaram que não se sentem, principalmente porque percebem a influência que outras pessoas exercem nas decisões que tomam. Interessante ressaltar o ponto em comum entre Luiz,

João e Amanda, que expuseram já terem experienciado a sensação de total liberdade: viajar sem a presença de um responsável maior legal, sem uma figura de autoridade como a de pais. O cuidar de si sem a presença de pais fomentaria o desenvolver da autonomia, fato que corrobora com a literatura, sendo que no estudo de FLEMING (2005a) a separação da família foi considerada elemento importante na percepção do adolescente sobre a formação da autonomia.

Luiz, Larissa e Amanda, que têm a noção de serem donos de si, relacionaram essa impressão com a possibilidade de tomar decisões próprias. Paula apontou que se sente dona de si, mas vislumbra a importância das influências externas sobre suas decisões, principalmente as dos pais; João apontar ser dono de si em 60% do tempo devido às limitações que sua mãe coloca; Júlio afirma não ser dono de si, já que tem que obedecer a mãe. Assim, fica evidente que essa noção está relacionada com o modo que os pais do adolescente interferem em sua vida. Assumir autonomia em relação aos pais e adquirir capacidade para decidir e agir por conta própria pode ser considerada uma das principais tarefas durante o período da adolescência (OLIVA & PARRA, 2001; NOOM, DEKOVIC & MEEUS, 2001; SPEAR & KULBOK, 2004; FLEMING, *op.cit.*).

Nos discursos dos entrevistados, evidenciaram-se também movimentos de oscilação entre atitudes infantis e adultas. Considerando que a adolescência é uma fase de transição, essa oscilação é esperada. PEREIRA (2005) afirma que os adolescentes agem mais como adultos, parecem-se mais com adultos do que com crianças, porém, em alguns aspectos, não são adultos.

Nas entrevistas ficou evidente a forte relação do desenvolvimento da autonomia com as diferentes condutas parentais. Apesar da inegável relação, não era objetivo deste trabalho relacionar estilos parentais com a aquisição de autonomia. Na revisão da literatura, identificamos diversos estudos que exploram essa questão e indicam, muitas vezes, resultados contraditórios.

As garotas falaram menos durante as entrevistas e foram mais diretas nas respostas, exigindo uma posição mais ativa da entrevistadora. FLEMING (2005b) indica diferenças entre adolescentes do sexo masculino e feminino aos 16 anos de idade, em que a autonomia é mais frequentemente desejada do que de fato exercida pelas meninas, sendo que os meninos concretizam mais a realização do desejo. Seguindo essa linha de raciocínio, os adolescentes do sexo masculino teriam mais conteúdo para discorrer sobre a autonomia do que as meninas.

Vale refletir sobre a condição dos entrevistados em responder perguntas mais diretas relacionadas ao problema de pesquisa, como: “pra você o que é autonomia?” e “o que você acha que facilita ou dificulta a aquisição de autonomia?”. Ficou evidente, já na literatura, a dificuldade de se

definir e discorrer sobre a autonomia (REICHERT & WAGNER 2007a; SEGRE, SILVA & SCHRANM, 2005). Estende-se essa mesma linha de raciocínio aos adolescentes entrevistados que não tinham condições de responder tais perguntas, principalmente porque estão em pleno processo de aquisição da autonomia. Portanto, optamos por fazer perguntas mais gerais que abordassem a rotina do adolescente e sua capacidade de tomar decisões, a fim de extrair das entrelinhas uma discussão sobre a autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é importante destacar que esse trabalho se configurou como um estudo qualitativo, sem abrangência, no sentido de não possibilitar generalizações. Tratou-se de uma análise vertical, isto é, de uma discussão que levasse em conta o discurso dos entrevistados e as considerações que eles próprios teceram em relação à vivência da adolescência e aos aspectos relacionados à conquista da autonomia.

Ficou evidente o desenvolvimento do processo de aquisição de autonomia dos adolescentes entrevistados e as diferenças de cada um dos processos aqui discutidos, principalmente no que se refere à tomada de decisões e à definição dos valores e opiniões.

A transição de uma posição infantil para uma postura adulta, que envolve responsabilidades pelas consequências das escolhas feitas e a projeção do futuro, ficou clara nas entrevistas. Essa transição envolve oscilações por parte dos adolescentes, pois ora se encontram atrelados a formas infantis de lidar com as situações e ora se expressam de um modo mais maduro e adulto. Essa oscilação é característica do período da adolescência.

Diferenças significativas também foram notadas no que tange às posições dos adolescentes perante as decisões dos pais, destacando tanto atitudes de conformismo e submissão quanto de oposição e confronto.

Assim, a análise destacou o quanto esse processo é particular a cada adolescente, sendo que se desenvolver em um contexto favorecedor do exercício da autonomia mostrou-se essencial.

A instituição escolar revelou-se como importante espaço para além da transmissão de informações. Configura-se como ambiente de formação de opiniões e valores, de sociabilização e, consequentemente, do exercício da autonomia para estes adolescentes.

O uso da internet, principalmente das redes sociais, apresentou-se como central na vida dos entrevistados. Contribui para a definição da identidade do jovem, no sentido de ele poder se mostrar e ser conhecido, além de ser um instrumento que facilita o estabelecimento de relações e, também, que estimula a liberdade de expressão das próprias convicções e preferências e, consequentemente, da autonomia. Nesse sentido, indica a importância de estudos futuros que explorem a qualidade das relações que o jovem estabelece na era da internet.

Para os participantes desta pesquisa, as situações nas quais se encontram sozinhos ou apenas com seus pares, sem a supervisão direta de um adulto, são aquelas que fomentam o desenvolvimento da autonomia.

A noção de ser dono de si foi relacionada à ideia de tomar decisões próprias. Assim, fica evidente que essa noção está vinculada ao modo como os pais interferem na vida dos filhos, no sentido de facilitarem ou não esse processo de tomada de decisões. Entretanto, é essencial elucidar que tomar decisão não implica na exclusão direta dos pais desse processo. Muitos deles assessoram os filhos nessas escolhas, mas permitem que eles tenham autonomia e tomem a decisão final.

As tomadas mais concretas de decisão dos entrevistados envolveram atividades rotineiras e relações com os pares (amigos e namorados), e foram menos efetivas quando relacionadas às questões financeiras, isto é, àquelas que envolviam maior dependência da posição dos pais.

Vale elucidar que esse trabalho não teve como objetivo relacionar o desenvolvimento da autonomia do adolescente com os estilos parentais, embora essa seja uma relação incontestável expressa pela literatura. Assim, destaca-se que os participantes expressaram que a inexistência de regras pode atrapalhar o desenrolar da autonomia, no sentido de os mesmos ficarem perdidos, sem direção, ao passo que regras em excesso podem limitar o adolescente e impedi-lo de exercer sua autonomia.

Para pesquisas futuras, sugere-se maior exploração da temática da autonomia adolescente, isto é, que esse fenômeno seja abordado por intermédio de mais estudos qualitativos que favoreçam o entendimento dos pontos de vista dos próprios jovens sobre esta que é considerada uma questão central do processo de desenvolvimento adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALLEN, Joseph. et al. Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development*, v. 65, n. 1, p. 179–194, 1994.

ALLEN, Joseph P. et al. The Pivotal Role of Adolescent Autonomy in Secondary School Classrooms. *Journal Youth Adolescence*, v. 41, p. 245 – 255, 2012.

AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos; SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*. São Paulo, v.8, n.1, p.107-115, 2003.

BASMAGE, Denise de Fátima do Amaral Teixeira. *A Constituição do Sujeito Adolescente e as Apropriações da Internet: uma análise histórico-cultural*. Campo Grande, 2010. p. 151. Mestrado em – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611–614, set/out, 2004.

CARTER, B.; Mc GOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, E.; McGOLDRICK, M. e cols. *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed, p. 07-29. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ERIKSON, Erik H. (1968). Prólogo. In: ERIKSON, Erik H. (autor). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. p. 14.

FADIMAN, James; FRAGNER, Robert. *Personalidade e crescimento pessoal*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FLEMING, M. Adolescent autonomy: desire, achievement and disobeying pares between early and late adolescence. *Australian Journal of Education and Developmental Psychology*, Australia, n. 5, p. 1-16, 2005a.

FLEMING, Manuela. Gender in Adolescent Autonomy: distinction between boys and girls accelerates at 16 years of age. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, v.3, n.2, p. 33-52, sep. 2005b.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p. 17-27, jan, 2008.

GALLATIN, Judith (1942). *Adolescência e Individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

MAYRING, Philipp. Qualitative Content Analysis. Forum: *Qualitative Social Research*, v. 1 n.2, 2000. In: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1089/2385>

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*. São Paulo. v. 1, n. 3, 1996.

NOOM, M. J.; DEKOVIC, M.; MEEUS, W. H. J. Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword?. *Journal of Adolescence*, v. 22, n. 6, p. 771-783, 1999.

NOOM, M. J.; DEKOVIC, M.; MEEUS, W. H. J. Conceptual analysis and measurement of adolescent autonomy. *Journal of Youth and Adolescence*, The Netherlands, v. 30, n. 5, p. 577-595, 2001.

OLIVA, A.; PARRA, A. Autonomía emocional durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, v. 24, n. 2, p.181-196, 2001.

PEREIRA, Antonio Carlos Amador. *O Adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo: HARBRA, 2005.

REICHERT, Claudete Bontto; WAGNER Adriana. Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 405 – 418, dez. 2007a.

REICHERT, Claudete Bontto; WAGNER Adriana. Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *PSICO*. Porto Alegre, PUC-RS, v. 38, n. 3, p. 292 - 299, set./dez. 2007b.

ROCHA, Maria Lopes. Contexto do adolescente. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. (org.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexes críticas*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p.25-32.

SANTROCK, John W. *Adolescência*. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SEGRE, M.; SILVA, F. L.; SCHRAMM, F. R. O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio de autonomia. *Portal do Médico*, 2005.

SPEAR, H. J.; KULBOK, P. Autonomy and adolescence: a concept analysis. *Public Health Nursing*, Massachusetts, v. 60, n. 2, p. 144-152, 2004.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Tradução de José Paulo Golob, Maria Ângela Aguiar e Roberta Sartori. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

STEINBERG, L.; SILVERBERG, S. B. The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Development*, Madison, n. 57, p. 841-851, 1986.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Programing for adolescent-health and development report*. WHO/UNFPA/UNICEF, st., 1999.

ANEXOS

A.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Mora com:

- 1) Como é a sua rotina durante a semana? (*Escola, esportes, aulas de línguas... → atividades extracurriculares*)
- 2) Você que escolheu fazer essas atividades? Se sim, o que os seus pais acham dessas escolhas? (*Opção individual x Imposição da família*)
- 3) Como é o seu transporte para essas atividades?
- 4) O que você costuma fazer aos finais de semana?
- 5) Você tem regras para sair? (*horários, locais, amigos, transporte, roupas*)
- 6) Se sim, o que você pensa dessas regras?
- 7) Você fuma/bebe? O que seus pais acham disso?
- 8) O que você mais gosta de fazer? Por quê?
- 9) Quando que você faz uso do computador? Esse uso é livre ou seus pais colocam limites (*tempo, sites, função*)? Você usa pra que? Por quê?

- 10) O que você acha sobre o uso do computador? Você acha que alguém da sua idade pode/deveria ter o acesso livre?
- 11) Como é a sua relação com sua família? *(família apoia decisões?)*
- 12) E sua relação com seus amigos? *(amigos que tomaram decisões que você concorda/discorda)*
- 13) Você namora? “Fica”? O que seus pais acham disso? *(quais preocupações, o que você sentia? Conflitos? Por quê?)*
- 14) Você ganha mesada? Se sim, o que faz com o dinheiro? *(quando quer algo mais caro que a mesada, o que faz?)*
- 15) Você gosta da escola? *(o que gosta o que desgosta? Por quê?)* Já mudou de escola? Se sim, quem tomou essa decisão? Por quê?
- 16) Você já sabe/imagina qual será sua profissão?
- 17) Você já teve experiências de se sentir completamente livre? Uma situação que você sentiu que sua vida estava sob sua responsabilidade, nas suas mãos, sem depender de mais ninguém?
- 18) Você se sente dono de si mesmo? Dono do seu próprio nariz? Por quê?

B. Protocolo de aprovação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 282/2011

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Psicologia

Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Plínio de Almeida Maciel Júnior

Autor(a): Gabriela Machado Giberti

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado ***Autonomia na adolescência: fatores sociais facilitadores desse processo***

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

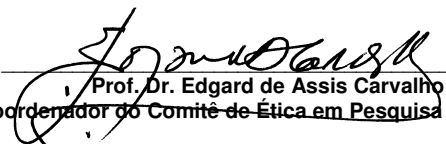
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **31/10/2011**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **282/2011**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 31 de outubro de 2011.


Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

C.

RESUMO DAS ENTREVISTAS

Júlio

Nascimento: 10/04/1995

Cursa o 3º colegial.

Mora com a mãe e com o irmão.

Sobre sua rotina se resume em ir para o colégio de manhã, voltar para casa, almoçar, descansar um pouco. Segundas e quintas-feiras tem treino de futebol. A tarde vai pra academia e quando volta faz lição de casa (*“quando tem e quando eu faço” sic.*), mas indicou que por estar no último ano da escola está tentando fazer todas as lições (*“ano passado era diferente, mas esse ano eu estou tentando mudar aos poucos” sic.*). Júlio escolheu todas suas atividades. Fazia inglês, mas decidiu parar porque pretendia fazer cursinho; *“não aguentava mais fazer inglês” (sic.)*.

Em relação à transporte: ao colégio de manhã sua mãe o leva, pra academia vai a pé e quando sai aos finais de semana vai e volta de táxi.

Sextas-feiras sai com os amigos para almoçar. Sextas e sábados sai a noite com os mesmos, sendo que costuma ir em bares ou na casa de algum amigo. Domingos fica em casa pra ver jogos do Corinthians. Júlio não tem nenhuma regra para sair.

Júlio disse que o que mais gosta de fazer é dormir.

Indicou usar o computador de noite para ficar nas redes sociais e ver notícias de esporte, mas costuma usar o notebook na sala acompanhando a mãe enquanto a mesma assiste TV. Acredita que as redes sociais são para entretenimento, além de manter contato com os amigos e poder mostrar quem você é. Júlio não tem regra para usar o computador, mas acha que dependendo da maneira de como usa deveriam ter regras. Para ilustrar apontou que há um tempo atrás ele ficava o dia inteiro no computador: *“era uma coisa insuportável, me olho hoje e não sei como aguentava ficar tanto tempo” (sic.)* e crê, então, que nos casos em que a pessoa fica muito tempo no computador deveria ter limite sim porque acha que não faz bem à saúde, além da pessoa ficar excluído, não sair de casa. Júlio expôs

que em relação a isso mudou bastante, fica no máximo 2 horas/dia, sendo que a iniciativa de mudança veio dele mesmo.

Júlio contou que sua mãe apoia suas decisões, mas vive dando bronca por causa do seu desempenho no colégio. Disse que conflito sempre tem, um ou outro, mas *“agora bem na paz ao longo que eu fui amadurecendo e tal, não tenho brigado tanto” (sic.)*.

Sobre os amigos Júlio expôs que eles têm um laço muito forte, disse que nunca deixam de fazer nada junto, nunca deixam de chamar ninguém (*“se tem um lugar para ir só 3 pessoas a gente nunca vai, tem que tá todo mundo junto e isso é uma coisa muito legal” (sic.)*). Entretanto, Júlio apontou que ultimamente tem tido bastante conflito com os amigos, por essa ideia de um querer sempre estar junto do outro e quando um não quer, o outro briga, mas Júlio disse ser contra isso (*“às vezes eu acho que cada um tem que fazer o que gosta” (sic.)*).

Júlio namorava e assinalou que a relação era *“doentia” (sic.)*, pois todo dia um ia na casa do outro, *“a gente tinha vida de casado, só não era casado” (sic.)*. A mãe de Júlio no começo achou legal, mas depois ela também começou a achar doentia a relação. Júlio terminou o namoro faz pouco tempo, já ficou com outras meninas, mas *“ainda não sou como era antigamente” (sic.)*, sendo que sua mãe acha que ele *“deveria ir pra putaria, deveria pegar todo mundo, ser feliz, porque ela começou a namorar muito cedo e ela se arrepende, então tem que aproveitar a vida” (sic.)*.

Júlio ganha mesada e usa o dinheiro para sair, beber e pagar dívidas, porque quando brigou com a namorada quebrou a porta de casa e está tendo que pagar até hoje. Então quando Júlio tem que pagar algo maior que a mesada a mãe parcela (12x sem juros).

Disse gostar da escola: *“adoro a minha escola, meu colégio além de ser um colégio bom ele é um colégio que sempre deu voz aos alunos, eu sempre posso colocar minha opinião em pauta sem ter medo de nada, sem ser reprimido por ninguém” (sic.)*. Júlio contou que já escolheu mudar de escola, pois estudou no mesmo colégio desde os 4 anos de idade até os 14, então, quando chegou no colegial, mudou para um colégio que acreditava ser melhor; mas se frustrou totalmente, porque na nova escola ele não podia dar a opinião, não podia falar as coisas que pensava e as ideias eram completamente divergentes, dos professores e etc. Assim, Júlio voltou ao primeiro colégio, mas nessa última decisão sua mãe não o apoiou; então, *“eu soquei a porta de novo, no final ela liberou não por espontânea vontade e sim por insistência” (sic.)*.

Júlio não sabe qual será sua profissão. Pensa em direito para trabalhar na área criminal, mas dentro dessa área não sabe o que quer ser. *“Minha mãe me influenciou, pois ela trabalha com isso, mas eu gosto também, ela jamais me forçaria, foi um incentivo que virou uma influência” (sic.)*.

Júlio expôs que nunca viveu uma situação em que se sentiu completamente livre e que sua vida estava sob sua responsabilidade, *“não que eu nunca tinha tido oportunidade, tipo já fiz intercâmbio e tal, mas sim por mim mesmo, mais pela minha criação, eu sempre tive que dar satisfação pra minha mãe, eu nunca vou deixar de dar satisfação pra ela, mas por isso eu nunca estou sozinho”* (sic.). Contou que pelo fato de dar satisfação à mãe é que ela dá tanta liberdade à ele.

O entrevistado disse que não se sente dono de si mesmo, do próprio nariz, não porque não pode fazer as coisas, mas sim porque a mãe tem *“autoridade sobre minha pessoa, se ela mandar eu fazer alguma coisa ou não fazer alguma coisa eu tenho que fazer ou não fazer, em todos os setores da minha vida, mas como ela é permissiva eu não tenho problema com isso”* (sic.). Júlio conclui que a questão dele não ser dono do próprio nariz é uma questão de respeito à sua mãe.

Luiz

Nascimento: 17/07/1995

Cursa o segundo colegial, sendo que repetiu um ano.

Mora com a mãe e com o padrasto.

Luiz expôs ter uma rotina muito incerta, faz vários projetos na escola e também trabalha como *freelancer* de consultoria, concerto de computador e aulas de computação, o que é muito incerto porque depende dos clientes e a partir deles que monta sua agenda. Trabalhar foi uma iniciativa dele. Quando era bem mais novo, a mãe de uma amiga quis que ele a desse aulas de computação, *“comecei com ela, comecei a pegar o jeito e aí foi indo, de cliente em cliente”* (sic.). Na escola faz projeto de criatividade e ciência, onde estão desenvolvendo um carrinho de rolimã, e projeto de literatura pantaneira, em que estudam as obras do Pantanal. Esses projetos são opcionais, na verdade tem uma carga mínima de um por semestre, mas ele faz 2 e gostaria de fazer 3.

Quando foi indagado sobre o que seus pais achavam sobre tais atividades Luiz respondeu: *“meus pais (minha mãe e meu padrasto) eles são muito tranquilos em relação a horário e esse tipo de coisa, então eu não tenho que deixar eles muito a par, mas acredito que eles gostem de me ver empenhado, gostem de me ver 12 fazendo as coisas”* (sic.).

Luiz só usa transporte público (ônibus e metrô). *“Transporte é assim: mesma liberdade que me dão para sair é a liberdade que eu tenho pra me virar, então normalmente é transporte público,*

claro que se eles estão saindo eles me dão uma carona, mas sair de casa só para me levar é difícil” (sic.).

Nos finais de semana Luiz costuma sair com os amigos, ir a bares, festas, mas as vezes também fica em casa estudando programação. Luiz não tem nenhuma regra para sair. Em relação a ter regras acredita que depende muito da criação, porque *se cria desde criança prendendo com a coleira, tem que manter isso porque se não você solta a pessoa vai querer fazer tudo em uma noite, ai despiroca e não tem o que fazer” (sic.).* Contudo, Luiz expôs acreditar no meio termo porque *“também o meu jeito de não ter regra nenhuma é muito ruim, porque as vezes você sente uma falha de acolhimento, mas é que minha mãe foi criada desse jeito e é assim que ela me cria desse jeito” (sic.).* Assim, Luiz acredita que tem que haver algumas regras, porque *“deixar tudo na responsabilidade de uma pessoa de 16/17 anos? Ela não sabe como se cuidar ainda, é preciso estabelecer margens porque ela não conhece tudo ainda, precisa de apoio” (sic.).*

O que Luiz mais gosta de fazer é mexer no computador, estudar programação, montar e desmontar computadores. Assim, faz uso sempre do computador e não tem nenhum limite pra usar o mesmo. Além de trabalhar, montar e estudar computação Luiz usa para redes sociais e edição de imagens. Luiz acha o uso do computador na adolescência essencial para a comunicação, combinação de encontros, a organização, é online. Luiz não enxerga problemas em usar o computador, então crê que o uso tem que ser liberado

Pai de Luiz morreu de câncer no fígado há 4 anos. Apontou que só consulta os pais (mãe e padrasto) quando são decisão que dependem, por exemplo, de mensalidade, ai há uma conversa se ele quer fazer mesmo, mas acontece um contrato de que Luiz tem que se dedicar porque os pais que vão pagar. *“Quando depende só de mim, quando não vai depender deles, quando só depende da minha disposição pra fazer as coisas eu normalmente tomo a decisão sozinho e nem conto pra eles, não preciso dar satisfação” (sic.).*

Em relação aos amigos, Luiz expôs que eles se ajudam muito a decidir as coisas um dos outros, as vezes nem percebem que ajudam, ajudam indiretamente através de conversas. Disse que escuta os amigos, mas decide o que ele acha melhor pra ele.

Luiz saiu no começo do ano de uma relação de 2 anos, *“fiquei meio perdido, mas agora estou voltando ao rumo de como é ter relações de uma noite” (sic.).* Luiz disse que a relação era muito boa *“até morrer” (sic.).* Apontou que sua namorada tinha problemas a mãe, no sentido que a mãe impunha regras e condutas muito rígidas, horários para tudo, contou que no primeiro colegial mudou para uma escola muito rígida porque tinha provar que tinha capacidade de estudar, *“então é isso, ela não tomava as próprias decisões e isso me incomodava muito, mas a questão é que eu não tinha o que fazer,*

porque eu era o namorado, por mais que ela não gostasse ela não ia fazer nada porque ela não ia peitar a mãe” (sic.). Luiz nunca teve conversa com os pais onde eles expressaram sua opinião em relação ao namoro dele, mas Luiz levava a namorada em casa para almoçar, os pais gostavam dela, mas sobre a relação mesmo não falavam nada.

Luiz ganha 100,00 reais por mês da mãe do padrasto e o resto ganha trabalhando. Disse ser um terrível administrador financeiro, que costumo gastar o dinheiro com coisas bobas, *“normalmente eu costumo gastando em: vamos sair pra beber? Eu pago pra todo mundo!” (sic.).* Contou que pela primeira vez gastou com uma peça que precisava para o computador e está usando bastante. Quando mesada não é o suficiente e quer algo que o é valor muito alto, como seu computador, ele economiza uma parte dele e depois pede ajuda pra mãe completar, *“mas com o computador eu tinha dado mais de 50% do valor” (sic.).*

Contou que adora a escola, adora estudar, *“na verdade eu não gosto do estudo dado, você tem que estudar isso isso isso, por isso que eu estudo em um colégio que é muito mais liberal, eu gosto muito de estudar as coisas que me apeteçam” (sic.).* Disse que está gostando muito de química agora então chega em casa e fica estudando, tem matérias que não gosta, como biologia, mas no geral Luiz costuma gostar da escola, até porque passa muito tempo do dia na escola.

Luiz já mudou de escola, estudava em uma escola tradicional da primeira ao oitavo ano, *“escola tradicional, puxada, e aí eu decidi, quando eu comecei a tomar consciência das minhas coisas, porque até essa época minha mãe tomava as decisões, foi aí que eu comecei a tomar as minhas decisões eu falei: olha eu quero mudar, eu quero uma coisa um pouco mais solta, não aguentava mais” (sic.).* Assim, a iniciativa foi de Luiz, mas sua mãe mostrou as opções, deu as propostas para ele ler e ele escolheu a que pareceu melhor. Ainda assim, Luiz disse que a base de disciplinas que a primeira escola deu foi importante inclusive para tomar as próprias decisões.

Luiz não sabe o que quer de profissão porque gosta de muita coisa.

Expôs que toda vez que ele viaja sente-se livre, com a vida nas mãos, porque, por exemplo, quando vai pra Minas Gerais visitar a família do pai, *“tem que acordar cedo, por a mala nas costas, pegar o metrô, vai pro terminal rodoviário, pega o ônibus, faz tudo sozinho, então é nesse momento que se sente responsável, tem que ficar atento, é difícil pensar que você tá só com você” (sic.).* Quando viaja com os amigos também se sente responsável, *“mas você acaba dividindo as coisas, se sente acolhido, não sente toda aquela responsabilidade” (sic.).*

Luiz sente-se dono de si, mas diz tomar cuidado para não adotar decisões como *“eu quero isso pra vida inteira, porque a gente tem essa paixão de querer abraçar aquela coisa e querer ficar aquilo*

pra sempre, mas a questão é que a gente viveu só 16 anos da nossa vida, tem muita coisa pra frente, na verdade então não vale a pena dizer que você é aquilo. Eu me sinto dono de mim mesmo, mas como um mim mesmo que muda” (sic.).

João

Nascimento: 04/10/1994

Cursa 3º colegial.

Mora com a mãe .

A rotina de João se resume em ir à escola, tenta ir 3 ou 4 vezes por semana na academia, faz inglês 2 vezes por semana, joga bola 2 vezes por semana na escola. No começo João não gostava de inglês, queria fazer espanhol, mas sua mãe falou que era importante para o futuro, então iniciou o inglês inclusive começou a gostar das aulas. Assim, futebol e academia são escolha dele.

João vai para a escola de táxi e a pé para o inglês e à academia.

Aos finais de semana costuma sair bastante com os amigos para baladas, festas, casas de amigos, barzinhos, ou com os pais costuma ir ao cinema e a restaurantes. Regra: mãe normalmente deixa sair de noite uma vez por final de semana, ou sexta ou sábado, domingo não. Às vezes mãe coloca horário, tem que voltar entre 3 e 4 horas da manhã. Com o pai é tudo liberado, se João quiser sair até domingo seu pai deixa. João sempre sai com os mesmo amigos, sua mãe conhece todos, frequentam sua casa. Mãe de João prefere que ele saia de táxi do que de carona. Sobre o que acha dessas regras, João entende o ponto de vista da mãe, mas *“é foda porque quando eu estou mal na escola eu entendo ela me proibir eu fazer as coisas, se eu estou em semana de provas eu entendo que ela não deixa eu sair, mas as vezes eu acho exagerado, por exemplo, esse final de semana eu não sei se ela vai deixar eu sair os dois dias, mas eu não tenho nenhum trabalho pra entrega, não tenho nada e provavelmente ela vai botar horário para eu voltar e eu não tenho nada pra fazer” (sic.).*

João não fuma e bebe socialmente. Pais sabem disso, principalmente o pai sabe bastante. João apontou contar tudo para ele, sobre meninas, bebidas, sexo, e com a mãe João disse disfarçar, *“ela sabe mas não fala e eu também não faço questão de falar” (sic.).* A mãe de João acha errado beber porque tiveram problemas na família com alcoólatras então ela fala que João tem genes meio propensos para tal e, também, porque teve hepatite, então sua mãe se preocupa com isso.

O que João mais gosta de fazer é jogar videogame. *“Diversão, é uma coisa bem louca entrar em outra realidade. Na verdade isso é uma coisa bem nerd de se falar, eu não sou tão nerd, mas eu acho mó legal jogar, estou esperando vários jogos lançar, assim, arduamente” (sic.).*

João usa computador *“teoricamente tempo inteiro, mas tempo nenhum” (sic.).* João ilustrou essa citação com situação que ele fica com o Ipad ligado do lado, inclusive quando dorme, *“qualquer coisa eu vejo uma coisa e saio, mas não uso horas” (sic.).* Usa para o facebook, youtube e jogos. Acha importante pois, quando não se está com os amigos fisicamente, pode-se estar com eles no computador, isso é interessante segundo João. O entrevistado não tem limite de uso do computador. *“Eu não conseguiria passar 4 horas no computador, eu acho irritante, eu não acho saudável, mas se tem gente que gosta, se elas querem eu não vejo problema” (sic.).*

Pai de João mora em São Bernardo porque pegou o emprego do avô em um cartório, mas é engenheiro em São Paulo. Então é frequente almoçarem juntos. Segundo João sua relação com a família já foi bem pior quando seus pais se separaram em 2003. *“Foi complicado, fui pro psicólogo e tal, mas depois foi de boa, nos meus 13, 14 anos eu brigava bastante com a minha mãe” (sic.).* João expôs que seus pais deixam as decisões na sua mão, pois acham que João sabe o que é melhor pra si e *“eu acho isso bem legal da parte deles” (sic.).*

Sobre os amigos, João comentou que se eles acham que a decisão de João é a melhor coisa pra ele então os amigos ficarão felizes e vice e versa. João apontou que os amigos dão conselhos, mas não costumam ser contra suas decisões.

João namora há mais de um ano. *“A gente deu um tempo, mas a gente voltou ontem. Foi um tempo bom, a gente ficou uma semana sem se falar, falei: meu eu quero esse tempo porque eu estou muito irritado com você, eu estou dando muita patada em você e eu não quero isso pra nossa relação.” (sic.).* Nesse tempo João prometeu que não ia ficar com ninguém e realmente não ficou e ela prometeu a mesma coisa. *“Mas às vezes eu acho ela obsessiva demais, ela sempre quer estar junto, eu sou um cara que gosta do meu tempo, gosta de ficar sozinho, ela sufoca demais” (sic.).* O pai de João não acha ruim, mas preferiria se o mesmo estivesse solteiro “curtindo” essa fase, já a mãe não se importa.

João não ganha mesada. Avó, pai ou mãe dá dinheiro quando precisa; por exemplo, para sair ele pede. Usa dinheiro principalmente para sair e comprar jogo, mas se é algo mais caro *“aí tem mais um planejamento, ex: mãe, me dá um iphone? Não, filho, não dá pra dar agora, aí ela viajou e toma filho, aqui está seu iphone!” (sic.).*

João gosta da escola. No dia da entrevista João não foi à aula para ficar dormindo. *“Hoje dei um miguê, mas eu não sou assim, hoje estou com preguiça”*. João expôs achar relativo falar não gosta, por exemplo, de química, pois pra ele é inútil, crê que não vai usar para nada na vida, mas uma vez que para o vestibular ele precisará de química então *“não tem como eu falar não gosto pra isso 100% porque vai ser necessário”* (sic.). João gosta de algumas matérias que acha que são úteis para seu cotidiano, como matemática, física, educação física (jogar bola).

João já mudou de escola, no prézinho mudou de escola pois foi morar em outro bairro e desde então *“eu estudei minha vida inteira no S. D., da 1ª à 8ª série, eu me sentia em uma bolha, eu só sabia o que era S. D., eu não sabia o que era outra coisa; aí eu e o Fábio começamos a conversar e decidimos mudar de colégio, fomos em um grupo de amigos com umas 10 pessoas”* (sic.). Entretanto, João ressaltou que não se adaptou na nova escola, pois a proposta era de ser uma escola liberal, parecida com S. D., mas na prática não era, *“ou você se adapta ou você se adapta, não respeitavam as diferenças”* (sic.). Então, ele e seu amigo Fábio voltaram para o S. D. A decisão de mudar de escola e de voltar para o colégio inicial foi de João, seus pais o apoiaram, principalmente pra voltar pro S. D., pois *“eles viam que ele estava infeliz, bad, meio que desanimado, hoje estou bem feliz, acho que foi uma das minhas melhores decisões”* (sic.).

Sobre profissão, João quer fazer administração ou publicidade. *“Mas ainda não super decidi, ainda quero ter um tempo, ainda quero fazer intercâmbio, ainda vou ter tempo para pensar”* (sic.). João contou que seus pais não o influenciam. Quer fazer intercâmbio depois de se formar na escola.

Se sente livre quando viaja com os amigos sem um responsável, pois *“acho que não a minha, mas a nossa integridade está nas nossas mãos, ou seja, um meio que vai ter que cuidar do outro, se um vai beber demais a gente que vai ter que cuidar dessa pessoa, então a gente fala pra não beber muito, eu acho que é uma sensação de liberdade tremenda, isso implica em estar longe de pais”* (sic.).

Se sente dono de si mesmo em 60% do tempo por que mãe coloca limites, mas ao mesmo tempo dá espaço para que dentro desse limite ele escolha o que quer.

Paula

Nascimento: 06/02/1995

Cursa 3º colegial.

Mora com a mãe e irmão.

Rotina de Paula consiste em ir à escola e 3 vezes por semana ficar a tarde no colégio (educação física, inglês e aprofundamentos como de matemática e humanidades). Paula treina futebol 2 vezes por semana na escola. Paula escolheu suas atividades, menos inglês e educação física que são obrigatórios da escola. Pais apoiam essas atividades.

Paula vai à escola com a mãe e volta com um motorista, *“mas não é particular, é um motorista que atende várias pessoas” (sic.)*.

Aos finais de semana Paula costuma ir à casa de amigos. Tem regras, mas não muito fixas: se sai depois das 22:30 sua mãe fica brava e para voltar pra casa não tem horário fixo, *“mas tem que ter um simancol” (sic.)*. Mãe de Paula não controla os amigos porque ela não os conhece muito; Paula fala o nome e passa telefone quando vai dormir fora. Mãe de Paula quase sempre a leva, mas na volta pega táxi, mas tem que ser radio táxi. Paula acha as regras justas, mas às vezes fica com raiva quando sua mãe não a deixa sair porque está muito tarde, mas sabe que faz sentido.

Paula não fuma tampouco bebe, já fez os dois, mas não faz frequentemente. Seus pais sabem, são contra os cigarros, não se incomodam com maconha e bebida, *“ah, meu pai bebe, então não tem como ele ser contra” (sic.)*.

O que Paula gosta mais de fazer é ir para o “Rep Lago” que é um acampamento de férias em Leme. Seus melhores amigos são do acampamento e Paula sente que lá todos seus problemas vão embora, *“é o melhor mundo dos mundos” (sic.)*.

Paula usa computador todo o dia. Por ter um computador no quarto, ela deixa o computador ligado e enquanto faz suas coisas olha de vez em quando. Usa para redes sociais e sites de notícias. Uso é livre, sem regras. Redes sociais é um jeito de manter contato com as pessoas que quase nunca vê e entretenimento. *“Acho que com a minha idade cada um já sabe seu limite, não é?” (sic.)*.

Paula não se dá muito bem com o irmão, mas acha que é *“coisa de irmãos” (sic.)*. Disse que seus pais sempre estão dispostos a ouvir, *“mas não costumo conversar de coisas pessoais porque não gosto de falar, mas quando é uma decisão mais importante que me inclui eles vêm falar comigo” (sic.)*. Quando Paula toma uma decisão, ela conta aos pais, eles dão opinião, mas ela que decide, *“mas têm coisas que eles impõem também” (sic.)*.

Paula apontou ter relação boa com os amigos. Não lembra de situação que os amigos tenham interferido em decisões. Quando quer opinião dos mesmo ela pergunta à eles.

A entrevistada não namora e não fica com ninguém. Pai sempre pergunta se ela namora, “*mas, sei lá, não tem o que contar, então não tenho muita opinião também*” (sic.).

Paula ganha mesada para almoçar na escola, tomar lanche, para sair aos finais de semana e tudo que quiser comprar. Quando quer algo que é mais caro que sua mesada, Paula economiza ou se seus pais acham que é merecido, que ela realmente precisa, eles pagam para ela.

Paula gosta da escola. “*Gosto da maioria das aulas, odeia química e biologia, mas acho uma escola boa, gosto dos amigos, gosto que a escola possibilita um monte de coisas externas, treinos e etc.*” (sic.).

Já mudou de escola várias vezes. Estudou na C. e saiu porque todos seus amigos saíram quando estava na terceira série. Ela falou que queria sair, os pais concordaram, então Paula falou as opções de escola que gostaria. Os pais falaram quais aprovavam e ela escolheu entre essas. Do B. pro P. foi inteira decisão de Paula, por que “*não aguentava mais lá, não mesmo*” (sic.), seus pais não gostaram muito porque ia passar só um ano, saiu na sétima série e ia já queria ir pro S. C. no primeiro colegial. Do P. pro S. C. quando passou na prova ficou indecisa, mas seu pai queria muito que ela fosse, mãe apoiava também, mas foi uma decisão de Paula.

Sobre profissão: “*tem umas opções, direito e jornalismo são as principais hoje, mas muda bastante, mas é pra área de humanas, isso eu sei*” (sic.). Pai de Paula é muito a favor dela fazer direito, “*às vezes até chega a irritar porque ele fica falando, mas no geral a decisão é minha, eles só opinam*” (sic.).

Paula expôs que nunca se sentiu completamente livre porque sempre vê alguma influência externa.

Paula se sente dona de si mesmo, “*mas tem uns limites, sim a medida que eu tomo minhas decisões, eu posso escolher obedecer ou não obedecer qualquer coisa, meus pais, tudo, sempre que tem regras, mas ao mesmo tempo têm coisas que acabam me impedindo mais do que eu gostaria, ou me influenciando, como até com coisa de escolher faculdade, por mais que eu tome a decisão eu sei que tem influências e não dá pra não pensar, tipo a grana é dos pais*” (sic.).

Larissa

Nascimento: 18/09/1995

Cursa o 2º colegial.

Mora com mãe, irmã e um irmão.

Rotina de Larissa consiste em ir à escola, duas vezes por semana tem inglês, quando não tem, estuda e dorme. Seus pais que falam para ela fazer o inglês, mas ela gosta, não se importa.

A mãe de Larissa a leva e busca para todas as atividades.

Aos finais de semana vai para balada, cinema e jantar de vez em quando, tem dias que fica em casa assistindo filme. As vezes viaja com amigas, como no carnaval foi para o Guarujá com os pais de uma das amigas.

Larissa não pode voltar muito tarde quando sai a noite, mas quando sai não é sua mãe que a busca, ela volta de táxi no horário que a mãe estabelece. Mãe deixa Larissa ir para baladas, mas não deixa muito a filha ir a bares. Pai de Larissa já implicou com sua roupa, “*mas nada demais, ciúmes de pai, eu não mudo mesmo assim*” (sic.). Larissa apontou que acha as regras ótimas, “*eu adoro, não me incomoda, podia ser bem pior*” (sic.).

Larissa não fuma tampouco bebe. Seus pais acham isso ótimo.

O que Larissa mais gosta de fazer é jogar futebol. Joga na escola na educação física, antes treinava no clube, mas parou porque o treino mudou para o horário do inglês e seus pais fazem questão do inglês.

Quando indagada sobre o uso do computador, Larissa respondeu: “*o dia inteiro, não, mais a noite assim e no final da tarde*” (sic.). Usa o facebook e para editar fotos. “*Gosto de falar com meus amigos, adoro xeretar as pessoas, conhecer os outros e eles me conhecerem*” (sic.). Não tem regras, só quando tem que estudar que sua mãe fala “*larga um pouco o computador e vai estudar*” (sic.). Larissa apontou que acredita que na sua idade os adolescentes usam muito o computador e deveriam usar menos, mas que não fazem nada para isso. “*Sou viciada, fico olhando fotos, fuçando tudo*” (sic.).

Larissa expôs que a relação com sua família é boa, principalmente no sentido que tudo que ela decide eles apoiam. Larissa apontou brigar principalmente com o irmão, mas não briga tanto com os pais. Pai mora na casa dele e eles se veem sempre.

Sobre os amigos, Larissa riu e contou que não tinha muito o que falar, “*não tem o que concordar ou discordar, eu não sou muito de tomar muitas decisões*” (sic.).

Larissa não namora e no momento não fica com ninguém. Seus pais acham que ela tem que namorar mesmo.

A entrevistada ganha mesada e usa o dinheiro para sair. “*Minha mãe só paga fazer a unha assim*” (sic.). Quando Larissa quer algo que é mais caro do que sua mesada Larissa pede à mãe “*minha mãe dá, tem vez que ela não dá, mas normalmente ela dá*” (sic.).

Larissa gosta da escola, odeia matemática, português não gosta muito, química, geografia gosta quando ela entende. Larissa gosta mais de encontrar as pessoas. Só mudou de escola uma vez quando era pequena.

L. não sabe qual será a profissão.

A entrevistada disse nunca ter tido nenhuma experiência em que se sentiu completamente livre.

Larissa se sente dona do seu próprio nariz porque ninguém toma as decisões por ela e ela não é obrigada a fazer nada que não queira.

Amanda

Nascimento: 02/09/1995

Cursa o 2º colegial.

Mora com mãe, pai e irmão.

Rotina de Amanda consiste em ir à escola de manhã; às vezes vai para a academia, mas vai todo dia correr no parque, além de fazer piano e francês. Amanda que escolheu todas as atividades. Mãe ama que ela toque piano, Amanda começou a tocar por sua mãe, já que toca desde criança, mas hoje é sua paixão dela. Pais adoram as atividades da filha.

Em relação ao transporte: piano e francês é em casa, academia é na rua de sua casa então vai a pé. Para a escola vai com uma amiga e sua mãe busca ela e a amiga.

Aos finais de semana Amanda sai bastante para baladas, bares, qualquer coisa com os amigos. Não tem regra para sair, quando fica muito tarde sua mãe liga para saber que horas vai chegar, mas nunca estipulou um horário. Tem algumas pessoas que a mãe de Amanda não gosta muito, então fala, mas nunca proibiu nada. Amanda expôs achar as regras ótimas, perfeitas, já que quase não existem.

Amanda não fuma, bebe na balada, mas pais não sabem.

O que Amanda mais gosta de fazer é ouvir e tocar música.

A entrevistada usa o computador todos os dias, mas como tem internet pelo celular costuma entrar mais pelo celular mesmo que sempre está ligado. Usa para pesquisa de escola, baixar músicas e facebook. Uso livre, sem regras. *“Ah, também vejo série que nem uma louca, vejo 22 séries” (sic.).* Amanda acredita que não deveriam ter regras em relação ao uso do computador, *“imagina colocar regras pra tudo? Cada um deve tomar sua decisão” (sic.).*

Amanda expôs que a relação com sua família é boa, com o irmão apontou ser perfeita, serem melhores amigos. Com sua mãe Amanda disse brigar bastante, mas *“tudo por besteira” (sic.)* e com o pai indicou que ele aceita o que a mãe fala. *“Eles me apoiam em tudo, eles manifestam a opinião, mas me apoiam, eu que decido” (sic.).*

Sobre os amigos Amanda contou que tem uma relação boa e que os mesmos apoiam sempre suas decisões.

Não namora. Quando indagada se ela fica com alguém respondeu: *“é óbvio” (sic.).* Amanda disse que seus pais sabem de todos os meninos, sua mãe apoia, apenas não gosta quando o menino é muito mais velho. *“Tem alguns no momento, tudo vai depender desse final de semana” (sic.).*

A entrevistada ganha mesada e usa o dinheiro para sair. Quando quer algo além da mesada pede para o pai porque segundo Amanda sua mãe é mais pão dura.

Em relação a escola Amanda gosta do ambiente, mas não da escola em si. Acha *“ridículo” (sic.)* ter que aprender tudo, acredita que poderia escolher. *“Odeio biologia, odeio, odeio, eu nunca vou querer isso, então acho inútil sabe? Eu ter que fazer uma coisa que eu não gosto pra nada, mas tipo exatas e humanas eu adoro, acho que você podia escolher o que você faz se não acaba sendo uma coisa muito sofrida né? É uma tortura pra mim” (sic.).* De resto Amanda adora encontrar os amigos. Nunca mudou de escola.

Amanda quer cursar na faculdade relações internacionais e direito. *“Tinha muita dúvida porque gosto muito de exatas e humanas. Aí estava conversando com uns amigos do irmão e uma amiga perguntou se ela já tinha visto relações internacionais ainda mais você que fala um monte de línguas e adora essas coisas, aí comecei a pesquisar e amei, aí conversei com o diretor e ele me falou que dava pra fazer com direito, dizem que é muito legal e ele me mostrou um monte de ideias e eu amei” (sic.).*

Amanda relatou que já se sentiu completamente livre em uma viagem, em que fez intercâmbio de um mês no Canadá onde morou na casa de uma família.

Ainda, Amanda sente-se dona de si mesma porque ela que toma suas decisões, adora ouvir a opinião dos outros, *“mas é minha opinião, eu faço o que eu quero” (sic.).*

D.

Tabela 1 – Organização das categorias de análise dos dados de entrevistas

	Júlio	Luiz	João	Paula	Larissa	Amanda
Escolha da rotina	Pessoal	Pessoal	Pessoal, mãe → inglês	Futebol pessoal	Pessoal e pais	Pessoal
Atividades além da escola	Academia, futebol	Computação (<i>freelancer</i>), projetos escola	Academia, futebol, inglês	Futebol, inglês, educação física e aprofundamentos	Inglês	Academia, correr no parque, piano e Francês
Transporte	Mãe, a pé, táxi com dinheiro da mãe	Transporte público	Táxi, a pé	Mãe, motorista, radio táxi	Mãe e táxi	A pé, mãe de amigas e mãe
Final de Semana	Bares, casas de amigos	Bares e festas	Festas, casas de amigos, bares. Com pais; cinema e restaurantes	Casas de amigos	Baladas, cinemas e restaurantes	Baladas, bares
Regras	Não tem	Não tem	Mãe: só sai a noite uma vez por final de semana e as vezes com horário. Pai: liberado	Se sai depois das 22:30 sua mãe não gosta. Não tem hora pra voltar, mas tem bom senso.	Não pode voltar muito tarde, mãe que estabelece horário	Não tem
O que pensa das regras	Adora a liberdade que tem	Acredita em um meio termo. Não solto como ele, mas não preso totalmente.	Entende, mas as vezes acha exagero	Acha justas, mas às vezes tem raiva quando não pode sair porque está tarde.	Adora, sabe que podia ser bem pior	Perfeitas
Fuma? Bebe?	Bebe	Bebe e fuma (1 maço/dia)	Bebe	Já fez os 2, mas hoje nada	Nada	Bebe
Opinião dos pais	Acha normal para a idade	Não se importam	Mãe acha errado. Pai não se importa	Só se incomodam com bebida	Acham ótimo	Pais não sabem
O que mais gosta de fazer	Dormir	Mexer no computador	Videogame	Ir para o acampamento	Jogar futebol	Ouvir e tocar música

Para que usa computador?	Redes sociais, notícias de esporte	Além de estudar programação, redes sociais e edição de imagens	Redes sociais, ver vídeos e jogar jogos	Redes sociais e notícias	Redes sociais e editar fotos	Pesquisa da escola, música e redes sociais
Por que usa o computador?	Entretenimento, contato com amigos, mostrar quem você é	Comunicação com amigos e organização de encontros	Entretenimento, comunicação com os amigos	Entretenimento, comunicação com os amigos	“Xeretar” (sic.) as pessoas, se comunicar e entretenimento	Entretenimento, conhecer as pessoas e comunicação.
Tem regras?	Não	Não	Não	Não	Não, só quando tem que estudar que sua mãe pede para ela manejar	Não
Acha que deveria ter regras?	Quando pessoa fica o dia inteiro deveria ter limites pois não faz bem à saúde	Não	Não	Acha que cada um sabe seu limite	Adolescentes deveriam usar menos, mas não fazem nada para tal	Acredita que cada um deveria saber seu limite. “ <i>imagina colocar regra pra tudo?</i> ” (sic.)
Relação com família	Relação boa com a mãe, sendo que essa apoia suas decisões	Pai morreu. Relação com mãe e padrasto superficial. Costuma tomar decisões sozinho.	Relação com o pai de amizade; com mãe é boa, mas não tem tanta intimidade	Não se dá muito bem com o irmão.	Boa, apoiam suas decisões	Boa. Relação perfeita com irmão. Com mãe briga por coisa boba e seu pai segue o que a mãe fala
Relação com amigos	Laço muito forte, todos juntos sempre	Boa, amigos ajudam em decisões indiretamente	Boa, apoiam decisões de João	Boa, mas não interferem em decisões. Quando quer opinião ela pede.	Boa, mas não opinam muito em decisões, já que ela não toma muitas	Boa, sempre apoiam suas decisões
Namora? Fica?	Já namorou 1 ano, mas está solteiro	Já namorou 2 anos, mas está solteiro	Namora	Nenhum dos dois	No momento não	Fica com alguns, talvez vire namoro
O que acha da relação?	Doentia, vida de casado	Boa “até morrer” (sic.). Namorada muito submissa a mãe	Sufocante	-	-	Se diverte
Opinião dos	Relação	Não se	Mãe não se	Pai se interessa	Acham que	Pais sabem de

pais	doentia, pareciam casados	manifestavam muito, mas gostavam da menina	importa. Pai preferia que filho estivesse solteiro	em saber, mas respeita	tem que namorar	todos. Mãe só não gosta quando é muito mais velho
Ganha mesada?	Sim	Sim, mas maior parte de seu dinheiro vem do seu trabalho	Não, pede quando precisa	Sim	Sim	Sim
De quem?	Mãe	Mãe do padrasto	Mãe, pai, avós	Mãe	Mãe	Mãe e pai
Para quê?	Pagar dívidas e sair	Sair, beber, peças de computação	Sair e comprar jogos	Almoçar na escola	Sair	Sair
Quando mesada não é suficiente?	Mãe parcela	Economiza bastante e pede uma parte	Maior planejamento junto com a mãe	Economiza ou se pais acham que ela merece, eles pagam	Pede para mãe	Pede para pai porque mãe é mais “ <i>pão dura</i> ” (<i>sic</i>).
Gosta da escola?	Adora	Adora	Gosta	Gosta	Gosta	Gosta e não gosta
Por quê?	Pode dar opinião sem ser reprimido	Gosta de estudar o que apetece	Gosta de algumas matérias que são uteis para seu cotidiano e as outras sabe que são importantes para o vestibular	Amigos e atividades extracurriculares como treinos.	Encontrar amigos	Do ambiente, de ver os amigos. Não gosta de ter que aprender tudo.
Já mudou de escola? Por quê?	Sim, pois estudava desde os 4 anos na mesma escola	Sim, estudava em escola muito tradicional, queria algo mais “ <i>solto</i> ” (<i>sic</i> .)	Sim. 1º porque mudou de bairro. 2º porque queria conhecer outra escola, estava há muito tempo na mesmo	Sim. 1º amigos saíram. 2º aguentava mais. 3º ser uma boa escola.	Sim, quando era muito pequena	Não
Quem decidiu?	Júlio	Luiz com auxílio da mãe	João	Paula com auxílio dos pais	Pais	
Como foi essa(s) mudança(s)?	Frustrante, não podia falar sua opinião, então voltou para o primeiro colégio	Gosta muito da nova escola “ <i>liberal</i> ” (<i>sic</i> .)	Não se adaptou porque a escola não era liberal como na proposta e voltou para a escola inicial	Ótimas, não se arrepende de nenhuma	Não lembra	
Profissão	Direito	Não sabe	Administração ou publicidade	Direito, jornalismo, mas	Não sabe	Direito e Relações

				não tem certeza. Só sabe que quer humanas.		Internacionais
Alguma influência externa?	Mãe	Não	Não	Pai quer que faça direito	Não	Amigos do irmão e diretor
Completamente livre?	Nunca, não por falta de oportunidade, ex: intercâmbio, mas porque sempre tem que dar satisfação à mãe	Viaja sozinho	Quando viaja com os amigos sem um responsável	Não, sempre vê alguma influência externa	Nunca	Sim, intercâmbio de um mês no Canadá
Dono do próprio nariz?	Não, porque tem que obedecer sua mãe	Sim, decide coisas sozinho, mas como um eu que se altera	60% do tempo porque mãe coloca limite, mas ele tem espaço dentro desse limite	Sim, mas tem limites/influências externas, principalmente dos pais	Sim porque ninguém toma as decisões por ela	Sim, ela que toma suas decisões